INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS E AS BIRRAS DAS CRIANÇAS

ANA PATRÍCIA MARQUES DUARTE

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2011

As Práticas Educativas Parentais e as Birras das Crianças

ANA PATRÍCIA MARQUES DUARTE

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de

Mestre em Psicologia Clínica

Orientador: Professor Doutor António Frazão

Coimbra, Novembro de 2011

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, aos meus avós, aos meus tios e tias e aos meus cunhados e cunhadas agradeço todo o carinho demonstrado ao longo do meu percurso académico.

Ao meu namorado agradeço todo o carinho, atenção, incentivo e paciência nos momentos mais difíceis do meu percurso académico e da realização da dissertação de mestrado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. António Frazão agradeço a disponibilidade, incentivo e paciência na realização da dissertação de mestrado.

À Drª Lisete Mónico agradeço toda a sua disponibilidade nos esclarecimentos acerca dos aspectos estatísticos para a realização da dissertação de mestrado.

À Directora e à Vice-Directora do Agrupamento de Escolas de Pataias agradeço a oportunidade de me permitirem recolher os dados para a dissertação de mestrado.

A todos os pais participantes nesta investigação agradeço a disponibilidade, a contribuição e a vontade de participarem nesta investigação.

RESUMO

As birras das crianças são uma característica do desenvolvimento normal das crianças e surgem por volta dos 15-18 meses que, normalmente, são desencadeadas devido ao desejo de independência e à incapacidade de escolher por parte das crianças. Para que as birras não se tornem um grave problema de comportamento das crianças, os pais devem adoptar práticas educativas adequadas para promover comportamentos desejáveis. O presente estudo analisou se os diferentes tipos de práticas educativas parentais se relacionam com a existência ou não de birras. Participaram 106 pais de crianças com idade compreendida entre os 2 e os 6 anos que responderam a três questionários: (a) Questionário Sociodemográfico; (b) Questionário da Caracterização dos Filhos; (c) Inventário de Práticas Educativas (I.P.E). Concluiu-se que as práticas educativas parentais mais utilizadas são as práticas educativas adequadas porém, aquando as birras das crianças, os pais recorrem à punição física e às práticas educativas inadequadas. Verificou-se, também, que o género e o estado civil dos pais não influenciam as práticas educativas utilizadas nos filhos. Quanto à influência da idade dos filhos nas práticas educativas parentais, concluímos que quanto mais velhos os filhos, menos os pais recorrem à punição física.

Palavras-chave: birras, práticas educativas parentais, práticas educativas adequadas, práticas educativas inadequadas

ABSTRACT

The tantrums are a feature of normal development of children, which appear at around 15-18 months. The tantrums in children are usually triggered due to the desire for independence and the inability of choice. To condition the tantrums in children in become a serious behavior problem, parents should adopt appropriate education to promote desirable behaviors. The present study examined whether different types of parenting practices relate to the presence or absence of tantrums. Participants 106 parents of children aged 2 to 6 years old, who responded to three questionnaires: (a) Socio-Demographic Questionnaire, (b) Characterization of the Children's Questionnaire, (c) Educational Practices Inventory (PSI). Conclusions demonstrated that parenting practices are the most commonly used adequate educational practices, however when children does tantrums, parents resort to physical

punishment and inadequate educational practices. We also verified that gender and marital status of parents do not influence the educational practices used in children. Regarding the influence of age of children in parenting practices, we conclude that the older children, unless parents resort to physical punishment.

Key-Words: tantrums, parenting practices, adequate educational practices, inadequate educational practices

ÍNDICE

1. Introdução....1
2. Materiais e Métodos....9
2.1. Objectivo do Estudo....9
2.2. Hipóteses....9
2.3. Participantes....9
2.4. Instrumentos de Colheita de Dados....11
2.5. Procedimentos Formais e Éticos....12
2.6. Análise dos Dados....13
2.7. Consistência Interna....13
3. Resultados....17
3.1.Análise Descritiva....17
3.2. Análise Inferencial e Teste das Hipóteses....27
4. Discussão dos Resultados....38
5. Conclusões....43
6. Referências Bibliográficas....45
7. Referências Bibliográficas Electrónicas....50
ANEXOS....51
ANEXO A....52
ANEXO B....54
ANEXO C....55
ANEXO D....57
ANEXO E....59
ANEXO F....61

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra 10

Quadro 2 - Correlações item-total e coeficientes de consistência interna α de Cronbach sem os respectivos itens da subescala IPEa do Inventário de Práticas Educativas..... 14

Quadro 3 - Correlações item-total e coeficientes de consistência interna KR-20 sem os respectivos itens da subescala IPEb do Inventário de Práticas Educativas 15

Quadro 4 - Prevalência das birras das crianças segundo o preenchimento do Questionário da Caracterização dos Filhos pela mãe, pai ou ambos..... 17

Quadro 5 - Frequência das birras das crianças segundo o preenchimento do Questionário da Caracterização dos Filhos pela mãe, pai ou ambos..... 18

Quadro 6 - Início das birras das crianças segundo o preenchimento do Questionário da Caracterização dos Filhos pela mãe, pai ou ambos..... 18

Quadro 7 - Contexto onde ocorrem as birras das crianças: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 19

Quadro 8 - Frequências observadas e relativas referentes aos comportamentos adoptados pelos pais após as birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 21

Quadro 9 - Frequências observadas e relativas referentes às áreas de interferências das birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 22

Quadro 10 - Utilização das Práticas Educativas Parentais: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do inventário pela mãe, pai ou ambos 24

Quadro 11 - Adequação das Práticas Educativas Parentais: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do inventário pela mãe, pai ou ambos 26

Quadro 12 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do comportamento de birras dos filhos: Testes univariados..... 28

Quadro 13 - Coeficientes de correlação de Pearson (r) entre as práticas educativas parentais e a frequência de birras dos filhos 30

Quadro 14 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do género dos pais: Testes univariados.....31

Quadro 15 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do estado civil dos pais: Testes univariados32

Quadro 16 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias da mãe: Testes univariados.....33

Quadro 17 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias do pai: Testes univariados.....35

Quadro 18 - Coeficientes de correlação de Pearson (r) entre as práticas educativas parentais e a idade dos filhos 37

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Médias do contexto onde ocorrem as birras das crianças segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 20

Figura 2 - Percentagens dos comportamentos adoptados pelos pais após as birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 21

Figura 3 - Percentagens das áreas de interferências das birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 23

Figura 4 - Médias do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) e subescalas constituintes segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 25

Figura 5 - Médias do Inventário de Práticas Educativas - Adequação das Práticas Educativas Parentais (IPEb) e subescalas constituintes segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos 27

Figura 6 - Médias das subescalas do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do comportamento de birra dos filhos 29

Figura 7 - Médias das subescalas do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias da mãe.....34

Figura 8 - Médias das subescalas do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias do pai 36

1. Introdução

As birras são uma característica do desenvolvimento normal das crianças e surgem por volta dos 15-18 meses. Normalmente, as birras são desencadeadas porque as crianças desejam independência, são incapazes de escolher e pelo facto de as crianças tomarem decisões sem a ajuda dos pais. Por isso, os pais devem deixá-las decidir sobre aquilo que querem, de forma a se tornarem mais independentes e a dominarem melhor os seus sentimentos (Brazelton & Sparrow, 2004). Além disso, nesta fase, as crianças percebem que as suas acções activam respostas nos outros (Brazelton & Sparrow, 2004; Reinberger, 2008).

Por outro lado, as birras são uma forma de expressar as emoções num cérebro ainda imaturo e surgem quando as crianças não obtêm aquilo que desejam (Cordeiro, 2008; Reinberger, 2008). As crianças encontram-se numa fase de exploração e não compreendem o porquê de não puderem fazer algo, sentindo-se frustradas e com raiva. Como não conseguem exprimir os seus sentimentos com palavras, elas fazem birras (Reinberger, 2008). Para que as birras das crianças não sejam uma forma de chantagem, é importante que os pais digam "não", mas ao mesmo tempo, transmitam carinho (Cordeiro, 2008).

Um estudo realizado por Queirós, Goldschmidt, Almeida e Gonçalves (2003) concluiu que as birras são uma das queixas comportamentais mais frequentes na primeira infância. Num outro estudo, Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009) concluíram que as birras das crianças ocorrem quando os pais negam os pedidos dos filhos. No entanto, este mesmo estudo verificou que os pais acabam por ceder às exigências dos filhos. As birras das crianças tendem a estar relacionadas com inconsistência dos pais, uma vez que quando os pedidos são negados, as crianças choram e gritam, e os pais acabam por ceder, revelando comportamentos incoerentes. Esta inconsistência mantém as birras dos filhos. Estas autoras concluíram, ainda, que o facto de os filhos não obedecerem aos pais está relacionado com a dificuldade em estabelecer regras e limites.

As birras das crianças vão diminuindo ao longo da infância, porém tornam-se um problema quando surgem várias vezes ao dia e são difíceis de acalmar (Mireault, Rooney, Kouwenhoven & Hannan, 2008). Estas podem ser sintomas da perturbação de oposição e, por isso, o técnico deve fazer o diagnóstico diferencial desta perturbação. Além disso, o técnico deve considerar as birras das crianças como um problema de comportamento se a frequência e a gravidade forem elevadas e acontecerem em mais do que um contexto. As crianças tornam-se agressivas, podendo-se mesmo magoar a si e aos outros. Se não existir nenhuma

intervenção neste tipo de comportamento, podem surgir problemas psicológicos e comportamentais (Ramalho, 2002; Reinberger, 2008).

Sendo assim, as birras das crianças condicionam o ambiente, as pessoas que rodeiam a criança e a própria criança. Além disso, têm impacto na família e na sociedade.

As birras afectam a relação da criança com os pais na medida em que cria, nestes últimos, sentimentos de frustração, culpa e incapacidade. Os pais chegam a um ponto que, em vez de verem as qualidades da criança, só a criticam e recriminam.

Por outro lado, a relação conjugal também é afectada porque tudo gira em torno da criança, restando pouco tempo para os pais usufruírem de uma relação de intimidade.

As birras das crianças também têm impacto directo e indirecto nos irmãos. Directo, porque as crianças são agressivas com os irmãos. Indirecto, pois afecta a relação dos irmãos com os pais, uma vez que os últimos criam expectativas, esperando que os irmãos sejam mais responsáveis pelo irmão problemático. Isto pode criar um sentimento de ressentimento em relação ao irmão problemático.

Por último, as birras das crianças também têm impacto na família e na relação que esta mantém com a sociedade, pois os familiares, amigos e professores começam a criticar a criança e os pais, gerando mal-estar e provocando o afastamento entre a família nuclear e a sociedade (Ramalho, 2002).

Salvador e Weber (2005) referem que os pais têm uma enorme influência em todo o desenvolvimento da criança, sendo que são eles os "responsáveis em transmitir as primeiras informações e interpretações sobre o mundo" (p. 342).

Se antigamente, os pais aplicavam regras rígidas e tradições indiscutíveis, actualmente, evidencia-se uma excessiva permissividade e a não-existência de limites. Ao longo do tempo, as crenças, os valores e as noções do que é ser um bom pai e um bom filho modificaram o relacionamento entre pais e filhos (Maldonado, 1997). As alterações da vida em sociedade também contribuem para as dificuldades educacionais dos pais, pois estes passam menos tempo com os filhos. Por outro lado, existem inúmeros factores que afectam a forma como os pais educam os filhos. Entre eles estão a personalidade da criança e as crenças dos pais acerca da disciplina (Ramalho, 2002). Como refere Tiba (1996), antigamente, os pais utilizavam a punição física e a relação entre pais e filhos era distante. Assim, de forma a não serem como os seus pais, estes filhos, transmitem carinho, afecto e amizade. Contudo, tornaram-se pais excessivamente liberais e com dificuldade de impor regras e limites.

Os pais devem possuir competências para desenvolver capacidades nos filhos, tais como, "dialogar, cooperar, tomar iniciativas, relacionar-se afectivamente com as outras pessoas,

bem como sentimentos de bem-estar, auto-estima, auto-confiança e de responsabilidade" (Almeida, Belloni, Dancieri & Senedesi, 2006: 65).

As práticas educativas parentais são estratégias que têm como objectivo eliminar comportamentos indesejáveis e promover comportamentos desejáveis (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004), ao mesmo tempo que procuram socializar a criança (Darling & Steinberg, 1993 cit. por Machado, Gonçalves & Matos, 2008). Estas diferem da definição de estilos parentais. Os estilos parentais são um conjunto de atitudes dos pais que se expressam nos seus comportamentos e que englobam as práticas educativas (Weber et al., 2004).

As práticas educativas parentais influenciam o aparecimento e a manutenção de problemas de comportamento e estão relacionadas com as capacidades sociais dos pais (Del Prette & Del Prette, 2001; Bolsoni-Silva, Silveira & Marturano, 2008).

Leiferman, Ollendick, Kunkel e Christie (2005) pretenderam investigar a influência do stresse psicológico materno nas práticas educativas parentais. Para isso, recorreram a 1638 mães, tendo concluído que 14% das mães apresentavam elevados níveis de stresse psicológico e 25% referiram que não se envolviam nas actividades dos filhos. Assim, a conclusão não foi clara acerca do impacto do stresse psicológico materna nas práticas educativas parentais.

Segundo Bolsoni-Silva et al. (2008), as práticas educativas parentais podem ser divididas em duas categorias: práticas educativas positivas e práticas educativas negativas. As práticas educativas positivas evitam o aparecimento de problemas de comportamento enquanto as negativas promovem o seu aparecimento.

Estudos realizados por Pinheiro (2003), Sabbag (2003), Salvo (2003) e Salvo et al. (2005) concluíram que as práticas educativas negativas estão correlacionadas com os comportamentos anti-sociais, stresse, ansiedade, agressividade e com o baixo nível de capacidades sociais. Por seu turno, as práticas educativas positivas estão relacionadas com os comportamentos adequados socialmente e com as capacidades sociais.

Consideram-se práticas educativas positivas as que englobam afecto, imposição de limites (Bolsoni-Silva et al., 2008) e promoção de comportamentos adequados na criança (Salvo, Silvares & Toni, 2005). De acordo com Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag (2005), as práticas educativas positivas são a monitorização positiva e o comportamento moral, desenvolvendo a empatia e as habilidades pró-sociais e prevenindo o surgimento de comportamentos indesejáveis.

Por sua vez, as práticas educativas negativas englobam a negligência, os maus-tratos físicos (Bolsoni-Silva et al., 2008), a punição incoerente, a disciplina negligente e a monitorização negativa (Gomide et al., 2005).

Um estudo realizado com 112 assistentes sociais, 504 crianças e 12 adultos que sofreram maus-tratos psicológicos na infância teve como objectivo contribuir para a intervenção nos maus-tratos psicológicos. Através de entrevistas e inquéritos concluiu-se que os maus-tratos psicológicos eram utilizados em 118 famílias, sendo mais usuais naquelas que sofriam de vários factores stressantes, tais como, álcool, violência doméstica e nível socioeconómico baixo. Por outro lado, entre os sintomas de maus-tratos psicológicos nas crianças estão presentes as tentativas de suicídio, a auto-mutilação, os problemas do comportamento alimentar e os problemas escolares (Doyle, 1997).

Uma outra investigação, com uma amostra de 912 estudantes universitárias pretendeu analisar a relação entre a regulação das emoções, os maus-tratos psicológicos e o stresse pós-traumático. Concluiu-se que as estudantes que tinham sido vítimas de abuso sexual e psicológico tinham maiores dificuldades em regular as suas emoções. Por outro lado, um histórico de maus-tratos físicos e psicológicos e de stresse pós-traumático está relacionado com a desregulação emocional (Burns, Jackson & Harding, 2010).

Hoffman (1994), por outro lado, refere que existem outros dois tipos de práticas educativas parentais: as indutivas e as coercitivas.

As práticas educativas indutivas indicam à criança quais as consequências dos seus comportamentos e dão-lhe uma melhor compreensão sobre as consequências das suas acções. Explicam à criança porque é necessário mudar o seu comportamento (Cecconello, De Antoni & Koller, 2003; Piccinini, Frizzo, Alvarenga, Lopes & Tudge, 2007) e enfatizam a empatia (Bem & Wagner, 2006). Além disso, através destas práticas, a criança internaliza os padrões morais, pois compreende a necessidade de mudar o seu comportamento. Alvarenga (2001) refere que as práticas educativas indutivas são aquelas que englobam o afecto, o reforço, as regras e a comunicação.

Por seu turno, as práticas educativas coercitivas são caracterizadas pelo uso da força e do poder dos pais, nomeadamente a punição física e privação de privilégios e amor (Cecconello et al., 2003; Piccinini et al., 2007). Além disso, os pais utilizam as práticas educativas coercitivas para que a criança elimine os seus comportamentos inadequados (Cecconello et al., 2003). Estas práticas controlam o comportamento da criança através da punição, originam emoções como o medo e a raiva e têm uma baixa probabilidade de a criança compreender as consequências do seu comportamento e a necessidade de mudar esse comportamento (Bem &

Wagner, 2006; Piccinini et al. 2007). Com estas práticas, a criança não tem motivação intrínseca para se comportar de determinada maneira (Bem & Wagner, 2006). No entanto, a utilização casual de práticas educativas coercitivas por parte de pais que utilizem práticas educativas indutivas não irá prejudicar o desenvolvimento da criança (Cecconello et al., 2003).

A punição é uma prática educativa coercitiva. Esta, apesar de parar uma acção, não reduz o comportamento indesejável e tem como consequências a agressividade, depressão, infelicidade e auto-destruição (Salvador & Weber, 2005).

Um estudo realizado com 472 crianças e adolescentes com idade entre os 8 e os 16 anos responderam a um questionário com o objectivo de se analiar a prevalência da punição física utilizada de forma contingente no comportamento dos participantes. Concluiu-se que 88,1% da amostra sofreu punição física. Essa punição foi aplicada através das mãos dos punidores (62,3%), cinto (43%) e chinelos (42,3%). A maioria dos participantes (75,2%) afirmou que quando uma criança faz algo de errado deve ser punida, mas somente 34,5% referiram que utilizarão a punição física nos seus filhos (Weber, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Um outro estudo, com uma amostra de 371 pais da Irlanda do Norte, concluiu que 91% da amostra utilizou a punição física como método de disciplina, mesmo que fosse só "raramente". Como este estudo teve como objectivo avaliar a transmissão intergeracional da punição física concluiu-se, também, que os pais da classe trabalhadora aplicavam a punição física nos mesmos níveis que lhes foram aplicadas quando eram crianças. Por sua vez, os pais de classe média que referiram ter recebido níveis altos de punição física aplicavam níveis mais baixos de punição física (Murphy-Cowan & Stringer, 1999).

Por seu turno, Sanapo e Nakamura (2011) estudaram as atitudes de 270 crianças filipinas face à punição física. Verificou-se que 61,1% das crianças já tinham sido sujeitas a este método de disciplina, sendo que a mais comum punição era beliscar (75,5%) seguida do bater (49,7%). Além disso, os meninos eram com mais frequência sujeitos à punição física do que as meninas. Este estudo explica que a punição física nas Filipinas é autorizada por lei, pois permite moldar o bom carácter das crianças. Quanto às comunidades sul asiáticas residentes na Grã-Bretanha, Irfan (2008) pretendeu compreender os seus sistemas de crenças, as expectativas, os valores familiares, as práticas educativas parentais e a disciplina. Deste modo, através das entrevistas num programa de rádio sobre "Children and Violence in the Home", concluiu que o uso da punição física é considerado adequado pelos pais sul asiáticos como forma de corrigir o mau comportamento dos seus filhos e a orientá-los consistentemente.

Woodward e Fergusson (2002) realizaram um estudo longitudinal de 18 anos com os objectivos de criar um perfil materno, identificar os factores contextuais relacionados com os vários níveis de exposição à punição física materna e identificar os preditores da punição física materna. Para isso, recorreram a uma amostra de 1025 mães nova-zelandesas, tendo constatado que existe uma ligação entre a exposição à punição física ou ao abuso materno e os factores maternais, familiares e da criança. Por sua vez, os preditores da punição física indicaram que o perfil psicossocial materno está relacionado com o risco de punir fisicamente os filhos. Assim, mães com uma história pessoal de educação rigorosa e que estão a lidar com o comportamento difícil dos filhos têm uma maior probabilidade de recorrer à punição física.

As práticas educativas coercitivas tendem a estar relacionadas com problemas de comportamento, tais como, birras, agressividade e hiperactividade e têm as mesmas consequências que a punição física. A diferença é que a punição física ensina às crianças que a agressividade é uma atitude normal para resolver problemas sendo, por isso, aceitável (Alvarenga & Piccinini, 2001; Domitrovich & Greenberg, 2010).

Um estudo efectuado por Alvarenga e Piccinini (2001) que avaliou as práticas educativas maternas concluiu que as práticas educativas indutivas eram mais utilizadas em crianças sem problemas de comportamento, enquanto as práticas educativas coercitivas eram dominantes no grupo de crianças que apresentavam problemas de comportamento.

Por sua vez, Verhoeven, Junger, Aken, Deković e Aken (2010), pretenderam investigar a relação entre as práticas educativas parentais e o comportamento externalizante das crianças, utilizando uma amostra de 104 famílias com filhos do sexo masculino que responderam a quatro inventários de auto-resposta. Aferiram que as práticas educativas parentais não prevêem a ocorrência dos comportamentos externalizantes dos filhos. Porém, o comportamento dos filhos influencia o apoio parental, a falta de estrutura, o controlo psicológico e a utilização da punição física quando os filhos têm 23, 29 e 35 meses de idade.

Estudos realizados por Keenan e Shaw (1998), Patterson, DeGarmo e Knutson (2000) verificaram que a responsabilidade dos pais no comportamento dos bebés é um indício de qual o tipo de práticas educativas será utilizado no futuro. Os pais que têm uma menor disponibilidade emocional para o bebé e respondem de forma inadequada a este, tendem a ter maiores dificuldades de regulação do comportamento dos filhos, utilizando com frequência práticas educativas coercitivas e inconsistentes. Isto levaria a que os comportamentos indesejáveis dos filhos fossem reforçados e, consequentemente, a problemas de comportamento. Pelo contrário, pais com maior disponibilidade emocional regulam melhor o

comportamento dos filhos e utilizam práticas educativas indutivas e contingentes. Isto desenvolve competências sociais na criança e reduz os comportamentos indesejáveis.

Um estudo realizado por Bolsoni-Silva e Marturano (2007) concluiu que os pais de crianças sem problemas de comportamento são mais coerentes na utilização das suas práticas educativas, reforçando positivamente os comportamentos adequados dos filhos.

A influência do nível socioeconómico (NSE) nas práticas educativas parentais ainda é controversa. Estudos realizados (Booth, Rose-Krasnor & Rubin, 1991; Dodge, Pettit & Bates, 1994; Fox, Platz & Bentley, 1995) revelam que quanto mais baixo o NSE, maior é o recurso às práticas educativas coercitivas. Contudo, um outro estudo de Roopnarine, Fouts, Lamb e Lewis-Elligan (2005) não encontrou estas tendências. Os pais com baixo NSE eram igualmente responsáveis e atentos às necessidades das crianças que os pais com elevado NSE.

O mesmo se pode dizer em relação à influência do sexo das crianças. Um estudo de Montandon (2005) sugere que as práticas educativas parentais também variam consoante o sexo da criança. Contudo, um outro estudo de Best e Williams (1997) refere que o sexo das crianças nada tem a ver com a escolha das práticas educativas parentais. Por sua vez, Sampaio (2007) constatou numa revisão de literatura com o objectivo de analisar a correlação entre as práticas educativas parentais, o género e a ordem de nascimento dos filhos que os pais tendem a preferir os filhos do mesmo sexo que o seu. Esta autora demonstrou, ainda, que os pais investem mais na educação dos filhos primogénitos.

De forma a aplicarem as práticas educativas, os pais recorrem a vários métodos de disciplina para moldar o carácter e ensinar às crianças o auto-controlo e mostrarem comportamentos desejáveis (Papalia, Olds & Feldman, 2009).

Disciplina não é sinónimo de punição. Quando se pergunta aos pais quais os métodos de disciplina que utilizam, normalmente dão respostas que incluem várias formas de punição, entre as quais, bater, *time-out* e retirar privilégios. Uma potencial razão que leva os pais a utilizarem a punição, nomeadamente, a punição física é o facto de não saberem utilizar outros métodos de disciplina (Nelms, 2005).

Através de um estudo realizado por Regalado, Sareen, Inkelas, Wissow e Halfon (2004) concluiu-se que o método de disciplina mais utilizado é a explicação (90%), seguida do *time-out* (70%), gritar (67%), retirar um brinquedo (65%) e punição física (26%). Este mesmo estudo verificou que existem vários factores que influenciam a escolha do método de disciplina. Por exemplo, pais com um baixo bem-estar emocional utilizam o bater e o gritar. A idade da criança é outro factor, pois à medida que a idade aumenta, o bater e o gritar são mais utilizados como métodos de disciplina. A etnia dos pais também influencia a escolha do

método de disciplina. Assim, os pais negros utilizam mais frequentemente a punição física, enquanto os pais hispânicos recorrem ao *time-out* e ao retirar de privilégios. A idade dos pais é outro factor determinante, pois pais adolescentes utilizam mais a punição física do que os pais adultos.

Papalia et al. (2009) referem, ainda, que a escolha de um método de disciplina depende da personalidade dos pais e da criança e da qualidade do relacionamento dos mesmos. Por outro lado, para os métodos de disciplina serem eficazes, a criança tem de perceber e aceitar aquilo que os pais querem, necessitando, assim, que os últimos sejam contingentes e claros.

Até ao momento, temos vindo a analisar a influência dos pais no comportamento dos filhos. Como o modelo transaccional de Sameroff sugere, os comportamentos dos pais são um catalisador dos problemas de comportamento das crianças. Este modelo sugere, ainda, que a interacção entre a criança e as suas experiências no contexto sócio-familiar influenciam o comportamento desta (Fite, Stoppelbein & Greening, 2009).

Contudo, actualmente, não nos podemos cingir a esta visão simplista. É importante adoptarmos uma perspectiva ecológica que defende que os pais e os filhos se influenciam mutuamente. Os pais influenciam os filhos ao serem generosos com eles e ao encorajarem-nos. Por sua vez, os comportamentos, interesses e atitudes dos filhos influenciam o modo como os pais irão agir perante determinada situação. Por exemplo, quando os filhos fazem uma birra, os pais podem usar a força e não a razão (Kail, 2004).

Perante isto, e devido ao facto de não existirem muitos estudos que analisem a relação entre as birras das crianças e as práticas educativas parentais, decidimos colocar a seguinte questão de investigação: "As práticas educativas parentais influenciam as birras das crianças". Na nossa opinião, este é um assunto importante porque explica como estas duas variáveis contribuem para a continuação das birras das crianças. Sendo assim, pode ajudar tanto os pais como os técnicos a intervir em crianças com este problema.

Partindo da nossa questão de investigação, propomos como objectivo geral verificar se os diferentes tipos de práticas educativas parentais se relacionam com a existência ou não de birras.

2. Materiais e Métodos

O presente estudo pretende analisar a influência das práticas educativas parentais nas birras das crianças, podendo-se classificá-lo como um estudo não experimental quanto ao controlo das variáveis. Além disso, podemos classificá-lo quanto ao objectivo como descritivo de tipo correlacional e quanto ao método de tratamento de dados como quantitativo.

2.1. Objectivo do Estudo

O objectivo geral do nosso estudo é verificar se os diferentes tipos de práticas educativas parentais se relacionam com a existência ou não de birras. Deste modo, pretende-se:

- Identificar as práticas educativas mais utilizadas pelos pais;
- Identificar a prevalência das birras;
- Relacionar as duas variáveis em estudo (as práticas educativas parentais e as birras das crianças);
- Compreender a influência dos factores pessoais dos pais (género, habilitações literárias e estado civil) nas birras das crianças.

2.2. Hipóteses

De forma a atingir os objectivos propostos, levantámos as seguintes hipóteses de trabalho:

H1 – Os diferentes tipos de práticas educativas parentais relacionam-se com a existência ou não de birras e a sua frequência.

H2 – Os diferentes tipos de práticas educativas parentais relacionam-se com os factores pessoais dos pais (género, estado civil e habilitações literárias).

H3 – A idade dos filhos relaciona-se com as práticas educativas utilizadas pelos pais.

2.3. Participantes

A população-alvo do presente estudo foi constituída por uma amostra de pais de crianças com idade compreendida entre os 2 e 6 anos. O número de participantes que integram a amostra é de 106 indivíduos, sendo que por isso, este estudo não é representativo da população portuguesa. O tamanho da amostra foi determinado de forma a identificar a prevalência das birras das crianças. Os dados da amostra foram recolhidos após o

consentimento informado da Directora do Agrupamento de Escolas de Pataias, tendo sido recolhidos nos Jardins-de-Infância do Agrupamento referido anteriormente. A amostra é do tipo não probabilística aleatória por conveniência, dado que o acesso à amostra estava facilitado. Os critérios de exclusão foram a recusa em participar no estudo e a existência de problemas psicológicos que impediam os participantes de responder aos instrumentos de colheita de dados.

No Quadro 1 podemos encontrar os resultados que caracterizam os 106 indivíduos que representam a amostra do presente estudo. As idades da nossa amostra situam-se entre os 21 e os 51 anos de idade, apresentando uma média de idade de 34,79 anos, uma mediana e uma moda de 35 anos e um desvio padrão de 5,69 anos.

As habilitações literárias da nossa amostra encontram-se maioritariamente no 3º ciclo com 31,1%, seguido do 2º ciclo (22,6%), secundário (21,7%), licenciatura (16%), 1º ciclo (5,7%) e, por último, bacharelato (1,9%).

Relativamente ao estado civil, os resultados permitem-nos concluir que 81,1% da amostra é casada e/ou vive em união de facto, 10,4% é solteira e 8,5% é divorciada e/ou separada.

Quanto ao número de filhos, constatamos que a quase metade da amostra tem um (43,4%) ou dois filhos (47,2%). Dos restantes inquiridos, 5,7% têm três filhos e 3,8% têm quatro ou mais filhos.

Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra

Características da amostra	n	%
Idade		
21 – 31	29	27,4
32 – 41	60	56,6
42 – 51	17	16,0
Habilitações Literárias		
1º Ciclo	6	5,7
2º Ciclo	24	22,6
3º Ciclo	33	31,1
Secundário	23	21,7
Bacharelato	2	1,9
Licenciatura	17	16,0
Estado Civil dos Pais		
Solteiros	11	10,4
Casados/União de Facto	86	81,1
Divorciados/Separados	9	8,5
Viúva(o)	0	0,0
Número de Filhos		
Um	46	43,4
Dois	50	47,2
Três	6	5,7
Quatro ou mais	4	3,8
TOTAL	**106**	**100,0**

2.4. Instrumentos de Colheita de Dados

De forma a investigarmos em que medida as práticas educativas dos pais influenciam as birras das crianças utilizámos três instrumentos de recolha de dados: a) Questionário Sociodemográfico que teve como objectivo recolher dados sociodemográficos e familiares; b) Questionário da Caracterização dos Filhos de forma a recolher informações acerca dos comportamentos das crianças; e c) Inventário de Práticas Educativas (IPE) de Machado, Matos e Gonçalves (2008) com o objectivo de recolher resultados relativos às práticas educativas parentais.

2.4.1. Questionário Sociodemográfico. Este instrumento de recolha de dados (c.f. anexo A) é constituído por 11 questões, sendo 7 abertas e 4 fechadas. Com este questionário pretendemos obter a caracterização dos inquiridos. Para isso, recolheu-se elementos relativos a ambos os pais, tais como, idade, habilitações literárias, profissão, estado civil, número de filhos e as correspondentes idades. Além disso, recolheu-se informação acerca se os inquiridos vivem actualmente com os seus filhos.

2.4.2. Questionário da Caracterização dos Filhos. O Questionário da Caracterização dos Filhos (c.f. anexo B), pretende recolher informação acerca do comportamento de birra dos seus filhos. No início deste questionário, esclarecemos os inquiridos acerca do conceito de "birra" para que quando respondessem tivessem em conta os comportamentos associados às birras das crianças.

Através das 6 questões de resposta fechada, pretende-se saber se a criança faz birras, a frequência e o início das birras, em que contexto elas ocorrem, quais os métodos de disciplina utilizados pelos pais e o impacto das birras em diferentes tipos de relacionamento.

2.4.3. Inventário de Práticas Educativas (I.P.E). O Inventário de Práticas Educativas (I.P.E) (c.f. anexo C) (Machado, Gonçalves & Matos, 2008) permite que se identifique as práticas educativas utilizadas pelos pais e/ou cuidadores da crianças. Este inventário contém 29 itens agrupados em cinco dimensões: práticas educativas adequadas (itens 1, 7, 11, 17, 29); práticas inadequadas embora não abusivas (itens 2, 22, 24, 26); punição física (itens 3, 5, 10, 14, 15); maus tratos emocionais (itens 8, 9, 21, 23, 25); e maus tratos físicos (itens 6, 13, 18, 19, 20, 27, 28). Porém, foi criada outra dimensão designada por "comportamentos potencialmente maltratantes" (itens 4, 12, 16) devido ao facto de os peritos em psicologia

clínica e forense não chegarem a um consenso quanto a inserir os três comportamentos em maltrato físico ou em punição física.

No que diz respeito aos 29 comportamentos referidos, solicita-se que os pais e/ou cuidadores, na parte A do inventário, refiram se utilizaram esses comportamentos na educação dos seus filhos, sendo-lhes dadas quatro opções: "nunca usei"; "usei uma única vez"; "usei menos do que uma vez por mês"; "usei mais do que uma vez por mês". Na parte B do inventário, pede-se aos indivíduos que classifiquem os mesmos comportamentos como práticas educativas "adequadas" ou "inadequadas".

Este inventário não tem limite de tempo, podendo ser administrado individualmente ou em grupo. Não há uma cotação, uma vez tratar-se de uma escala comportamental. Por isso mesmo, a sua leitura deverá ser realizada item a item.

2.5. Procedimentos Formais e Éticos

Uma investigação é iniciada quando o investigador tem curiosidade acerca de algum tema ou quando se depara com algo que ainda não tem explicação. Depois de definir qual o seu problema de investigação, o investigador define a sua população-alvo e selecciona os instrumentos a utilizar na investigação. Seguidamente, procede à implementação da investigação através da pesquisa e da recolha de dados. Num último momento, procede-se à introdução dos dados recolhidos numa base de dados, analisam-se e escrevem-se os resultados e, finalmente, discutem-se os resultados. Na discussão dos resultados, clarifica-se o problema de investigação e analisam-se as respostas encontradas, sendo possível formular novas questões de investigação para futuras pesquisas.

A nossa investigação começou no início do mês de Novembro aquando o encontro com o orientador. Nas reuniões que se sucederam nos meses de Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março e Abril foi discutido o tema da nossa investigação, assim como os instrumentos de recolha de dados a serem utilizados.

No mês de Maio, procedeu-se à entrega de uma carta de consentimento à Directora do Agrupamento de Escolas de Pataias, uma vez que os questionários foram entregues aos pais de crianças que frequentavam os Jardins-de-Infância deste Agrupamento. Após, a autorização da Directora, procedeu-se à aplicação dos instrumentos de recolha de dados.

No que diz respeito à aplicação propriamente dita, foi referido aos participantes quais eram os objectivos do estudo sendo, também, explicado o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. Além disso, mencionou-se aos pais que a participação no estudo era

voluntária. Por outro lado, foi explicado aos participantes que os instrumentos de recolha de dados poderiam ser preenchidos pela mãe, pai ou ambos os pais. Quanto às dúvidas que surgiram no momento do preenchimento dos instrumentos, estas foram sempre esclarecidas.

Após a análise estatística dos dados recolhidos, discutimos os resultados da nossa investigação, respondendo à questão inicial e fornecendo novas questões para futuras investigações.

2.6. Análise dos Dados

Após a aplicação dos instrumentos de recolha de dados, realizou-se o tratamento estatístico dos dados através do programa informático Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) na versão 17.0. A análise estatística foi dividida nas secções de análise descritiva e análise inferencial.

Para a análise estatística dos dados baseámo-nos nas referências de Almeida e Pinto (1995), Gil (1999), Maroco (2003), Pereira (2008), Pestana e Gageiro (2000), Pinto (2009) e Reis (1999, 2000).

2.7. Consistência Interna

O Inventário de ráticas Educativas (I. P. E) carece de análise da consistência interna, a fim de se assegurar a fidedignidade do instrumento de medida. Procedemos ao cálculo do coeficiente alpha de Cronbach para as duas secções do referido inventário: a frequência de utilização das práticas educativas (IPEa) e a percepção do grau de adequabilidade das referidas práticas (IPEb).

Assim, no Quadro 2 expõe-se as correlações de cada item do IPEa (frequência de utilização das práticas educativas) com a totalidade dos demais itens desta subescala, bem como o valor do coeficiente de consistência interna de cada secção excluindo cada um dos itens (cálculo do valor do alpha total sem o item). Conforme pode verificar-se, a consistência interna é elevada (superior a .80) e nenhum dos itens baixa consideravelmente o valor da consistência interna do todo, pelo que concluímos estar perante uma medida com uma boa consistência interna.

Quadro 2 - Correlações item-total e coeficientes de consistência interna α de Cronbach sem os respectivos itens da subescala IPEa do Inventário de Práticas Educativas

	IPEa	***Correlação item-total***	***α total sem o item***
1.	Dar conselhos.	,124	,893
2.	A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater (ou vice-versa).	,404	,891
3.	Bater no rabo com a mão.	,612	,885
4.	Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas.	,778	,879
5.	Puxar as orelhas.	,582	,888
6.	Dar um murro ou pontapé.	,000	,893
7.	Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta.	,475	,890
8.	Fechar num quarto à chave.	,000	,893
9.	Fechar num quarto escuro.	,000	,893
10.	Dar palmadas na mão, braço ou perna.	,791	,880
11.	Elogiar a criança quando se porta bem.	,000	,893
12.	Dar várias bofetadas.	,506	,887
13.	Abanar ou sacudir com força (crianças com menos de 2 anos de idade).	,000	,893
14.	Abanar ou sacudir com força (crianças com mais de 2 anos de idade).	,555	,886
15.	Bater no rabo com um objecto duro (p.ex., colher de pau, escova do cabelo).	,000	,893
16.	Dar uma sova com a mão.	,555	,886
17.	Explicar à criança o que fez mal.	,589	,888
18.	Bater com cinto.	,000	,893
19.	Bater com outros objectos (não mencionados atrás).	,886	,876
20.	Atirar objectos.	,000	,893
21.	Insultar.	,526	,888
22.	Ameaçar a criança de que se lhe vai bater.	,658	,883
23.	Dizer à criança que nunca deveria ter nascido.	,535	,888
24.	Dizer "se te portares mal não gosto de ti".	,148	,893
25.	Dizer que não se gosta da criança.	,000	,893
26.	Dar "sermões".	,616	,886
27.	Bater na criança deixando marcas.	,582	,888
28.	Bater na criança deixando ferimentos.	,000	,893
29.	Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta (p.ex., não a deixar ver televisão).	,506	,888
30.	Outros: Não deixa jogar play-station ou computador; Não deixa o seu filho brincar	,932	,876

α global = .892

Quadro 3 - Correlações item-total e coeficientes de consistência interna KR-20 sem os respectivos itens da subescala IPEb do Inventário de Práticas Educativas

	IPEb	***Correlação item-total***	***KR-20 total sem o item***
1.	Dar conselhos.	,000	,521
2.	A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater (ou vice-versa).	,046	,526
3.	Bater no rabo com a mão.	,276	,482
4.	Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas.	,110	,517
5.	Puxar as orelhas.	,063	,522
6.	Dar um murro ou pontapé.	,004	,522
7.	Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta.	,266	,485
8.	Fechar num quarto à chave.	,057	,520
9.	Fechar num quarto escuro.	,103	,516
10.	Dar palmadas na mão, braço ou perna.	,171	,509
11.	Elogiar a criança quando se porta bem.	,024	,524
12.	Dar várias bofetadas.	,164	,514
13.	Abanar ou sacudir com força (crianças com menos de 2 anos de idade).	-,015	,528
14.	Abanar ou sacudir com força (crianças com mais de 2 anos de idade).	,000	,521
15.	Bater no rabo com um objecto duro (p.ex., colher de pau, escova do cabelo).	,177	,508
16.	Dar uma sova com a mão.	,161	,508
17.	Explicar à criança o que fez mal.	,221	,502
18.	Bater com cinto.	-,215	,540
19.	Bater com outros objectos (não mencionados atrás).	,000	,521
20.	Atirar objectos.	,040	,522
21.	Insultar.	-,153	,531
22.	Ameaçar a criança de que se lhe vai bater.	,498	,416
23.	Dizer à criança que nunca deveria ter nascido.	,110	,517
24.	Dizer "se te portares mal não gosto de ti".	,163	,509
25.	Dizer que não se gosta da criança.	,159	,512
26.	Dar "sermões".	,278	,482
27.	Bater na criança deixando marcas.	,000	,521
28.	Bater na criança deixando ferimentos.	,082	,518
29.	Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta (p.ex., não a deixar ver televisão).	,282	,482

α global = .521

No Quadro 3 apresentamos as correlações dos itens constituintes da subescala IPEb (grau de adequabilidade das práticas educativas) com o conjunto de itens avaliadores desta subescala, bem como o valor do coeficiente de consistência interna sem o item para cada elemento. Como a escala de medida das variáveis é dicotómica (1 = adequado; 0 = inadequado), procedemos ao cálculo do coeficiente de consistência interna KR-20 (Kuder-Richardson) para os 29 itens constituintes da subescala.

O valor encontrado, de .521, ilustra uma consistência interna abaixo do valor desejável (.80 para se considerar um bom indicador de consistência interna). Porém, quando analisamos os coeficientes KR-20 total sem cada item, constatamos que a eliminação dos que baixam mais a consistência do todo não conduz a um aumento significativo do coeficiente KR-20, pelo que decidimos manter os 29 itens da subescala IPEb.

3. Resultados

O capítulo que se segue contempla as análises descritiva e inferencial dos instrumentos de medida por nós utilizados. Na análise descritiva procede-se à apresentação dos resultados obtidos mediante as estatísticas descritivas, bem como à representação gráfica dos mesmos. A análise inferencial visa o estudo da influência de um conjunto de variáveis sociodemográficas da amostra nos instrumentos utilizados, designadamente, no Questionário da Caracterização dos Filhos e no Inventário de Práticas Educativas (IPEa e IPEb). Procedeu-se, igualmente, ao teste das hipóteses de investigação.

3.1.Análise Descritiva

3.1.1. Prevalência, frequência e início das birras dos filhos

Os dados sobre a prevalência das birras dos filhos (c.f. Quadro 4) mostram-nos que grande parte dos inquiridos respondeu que os seus filhos fazem birras. Sendo assim, 91,2% das mães, 92,3% dos pais e 84% dos casais responde afirmativamente à pergunta "O seu filho faz birras?". Os restantes 8,8%, 7,7% e 16%, consoante os questionários foram preenchido pelas mães, pais e ambos os pais responderam que os seus filhos não fazem birras.

Quadro 4 - Prevalência das birras das crianças segundo o preenchimento do Questionário da Caracterização dos Filhos pela mãe, pai ou ambos

	Preenchimento do questionário por							
	Mãe		Pai		Ambos os pais		Total	
O seu filho faz birras?	**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**
Sim	62	91,2	12	92,3	21	84,0	95	89,6
Não	6	8,8	1	7,7	4	16,0	11	10,4
Total	**68**	**100,0**	**13**	**100,0**	**25**	**100,0**	**106**	**100,0**

Dos 95 inquiridos que responderam afirmativamente à pergunta "O seu filho faz birra?" (c.f Quadro 5), 42,6% das mães, 38,5% dos pais e 48% de ambos os pais responderam que os seus filhos fazem birras uma vez por dia. Por sua vez, 46,2% dos pais, 27,9% das mães e 16% de ambos os pais afirma que os seus filhos fazem birras duas vezes por dia, conforme pode verificar-se no mesmo quadro. O comportamento de birra é considerado preocupante quando

uma criança faz birras cinco ou mais vezes por dia. No entanto, na nossa amostra podemos verificar que a maioria dos inquiridos do nosso estudo não tem filhos cujo seu comportamento de birra pode ser considerado preocupante. Assim, somente 5,9% das mães responderam que os seus filhos fazem birras cinco ou mais vezes por dia.

Quadro 5 - Frequência das birras das crianças segundo o preenchimento do Questionário da Caracterização dos Filhos pela mãe, pai ou ambos

	Preenchimento do questionário por							
	Mãe		Pai		Ambos os pais		Total	
O seu filho faz birras?	**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**
Uma vez por dia	29	42,6	5	38,5	12	48,0	46	48,4
Duas vezes por dia	19	27,9	6	46,2	4	16,0	29	30,5
Três vezes por dia	7	10,3	0	0,0	4	16,0	11	12,0
Quatro vezes por dia	2	2,9	1	7,7	1	4,0	4	4,2
Cinco vezes ou mais por dia	4	5,9	0	0,0	0	0,0	4	4,2
Não respondeu	1	1,6	0	0,0	0	0,0	1	1,1
Total	**62**	**91,2**	**12**	**92,3**	**21**	**84,0**	**95**	**100,0**

No que diz respeito ao início das birras dos seus filhos (c.f. Quadro 6), somente 90 inquiridos responderam. Desses 90 inquiridos, 61,8% das mães, 69,2% dos pais e 48% de ambos os pais afirmaram que os seus filhos iniciaram as birras no último ano, seguido de nos últimos meses (23,5% das mães, 7,7% dos pais e 32% de ambos os pais). Apenas 15,4% dos pais responderam que os seus filhos iniciaram as birras há um mês.

Quadro 6 - Início das birras das crianças segundo o preenchimento do Questionário da Caracterização dos Filhos pela mãe, pai ou ambos

	Preenchimento do questionário por							
	Mãe		Pai		Ambos os pais		Total	
Quando é que o seu filho começou a fazer birras?	**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**
Há uma semana	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Há um mês	0	0,0	2	15,4	0	0,0	2	2,1
Nos últimos meses	16	23,5	1	7,7	8	32,0	25	26,3
No último ano	42	61,8	9	69,2	12	48,0	63	66,3
Não respondeu	4	5,9	0	0,0	1	4,0	5	5,6
Total	**62**	**91,2**	**12**	**92,3**	**21**	**84,0**	**95**	**100,0**

3.1.2. Contextos onde ocorrem as birras dos filhos

As respostas dadas à questão "As birras acontecem normalmente em que contexto?" foram respondidas numa escala de Likert com cinco opções de resposta (1 = nunca a 5 = sempre): em casa dos pais, em casa dos avós, em casa de outros familiares, na escola e em outros contextos, nomeadamente, em espaços públicos. A distribuição das frequências em função dos contextos onde ocorrem as birras e o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos consta do Anexo D.

No Quadro 7 apresentamos os valores mínimo e máximo, as médias e os desvios-padrão segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos. Através da observação das pontuações médias, verificamos que as birras ocorrem com maior frequência em casa dos pais e, seguidamente, em casa dos avós. As opiniões divergem quanto à menor frequência das birras ocorrer em espaços públicos, na escola e em casa de outros familiares em função da resposta ser dada pela mãe, pai ou ambos.

Quadro 7 - Contexto onde ocorrem as birras das crianças: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

	Preenchimento do questionário por											
	Mãe				**Pai**				**Ambos os pais**			
Contextos das birras	Mín	Máx	M	DP	Mín	Máx	M	DP	Mín	Máx	M	DP
Em Casa dos Pais	2	5	4,47	0,88	3,00	5,00	4,64	0,67	2	5	4,60	0,88
Em Casa dos Avós	1	5	3,69	0,90	1,00	5,00	3,70	1,25	1	5	3,43	0,94
Em Casa de Outros Familiares	1	4	2,56	1,00	2,00	4,00	2,50	0,76	1	5	3,00	1,15
Na Escola	1	5	2,21	1,06	1,00	5,00	3,00	1,32	1	4	2,23	1,01
Em Espaços Públicos	1	5	3,55	11,48	1,00	3,00	1,57	0,98	1	5	2,00	1,50

Na Figura 1 representam-se graficamente as pontuações médias do contexto onde ocorrem as birras das crianças segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos. Destaca-se o contexto da casa dos pais como o mais enunciado.

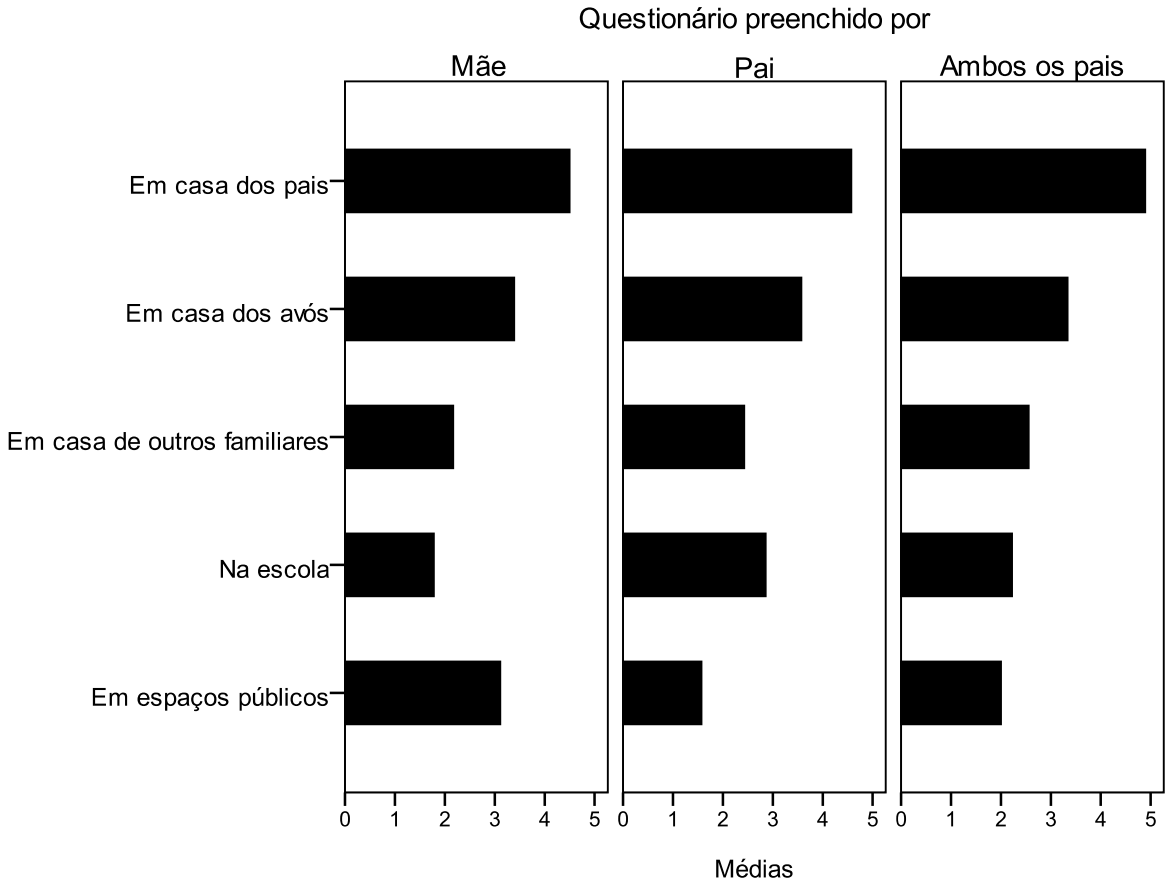


Figura 1 - Médias do contexto onde ocorrem as birras das crianças segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

3.1.3. Comportamentos dos pais após as birras dos filhos

Indicam-se no Quadro 8 as frequências de respostas afirmativas às 10 questões referentes à enumeração de comportamentos adoptados pelos pais após as birras dos filhos.

Para facilitar a comparação das diferentes estratégias utilizadas pelos progenitores, as percentagens representam-se na Figura 2.

Conforme pode observar-se, as estratégias mais utilizadas prendem-se com a utilização da explicação e a imposição de regras e limites, seguindo-se a negociação, o estabelecimento de um castigo e o deixar o filho continuar a fazer a birra, ignorando-o. Se a mãe utiliza todas as estratégias indicadas, o pai mostra-se mais selectivo, não recorrendo ao grito nem utilizando a punição física ou o *time-out*.

Quadro 8 - Frequências observadas e relativas referentes aos comportamentos adoptados pelos pais após as birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

Comportamentos adoptados pelos pais após as birras dos filhos	Preenchimento do questionário por					
	Mãe		Pai		Ambos os pais	
	n	%	n	%	n	%
1. Cede às exigências	9	5,20	1	2,78	4	7,41
2. Deixa o seu filho continuar a fazer a birra, ignorando-o	25	14,45	2	5,56	10	18,52
3. Impõe regras e limites	29	16,76	10	27,78	15	27,78
4. Utiliza a explicação	42	24,28	11	30,56	12	22,22
5. Utiliza a negociação	14	8,09	7	19,44	5	9,26
6. Grita	13	7,51	0	0,00	4	7,41
7. Utiliza a punição física	6	3,47	0	0,00	0	0,00
8. Estabelece um castigo	18	10,40	4	11,11	3	5,56
9. Ameaça retirar alguns privilégios (ex: brinquedos)	13	7,51	1	2,78	1	1,85
10. Utiliza o *time-out*	4	2,31	0	0,00	0	0,00
Total	**173**	**100,0**	**36**	**100,0**	**54**	**100,0**

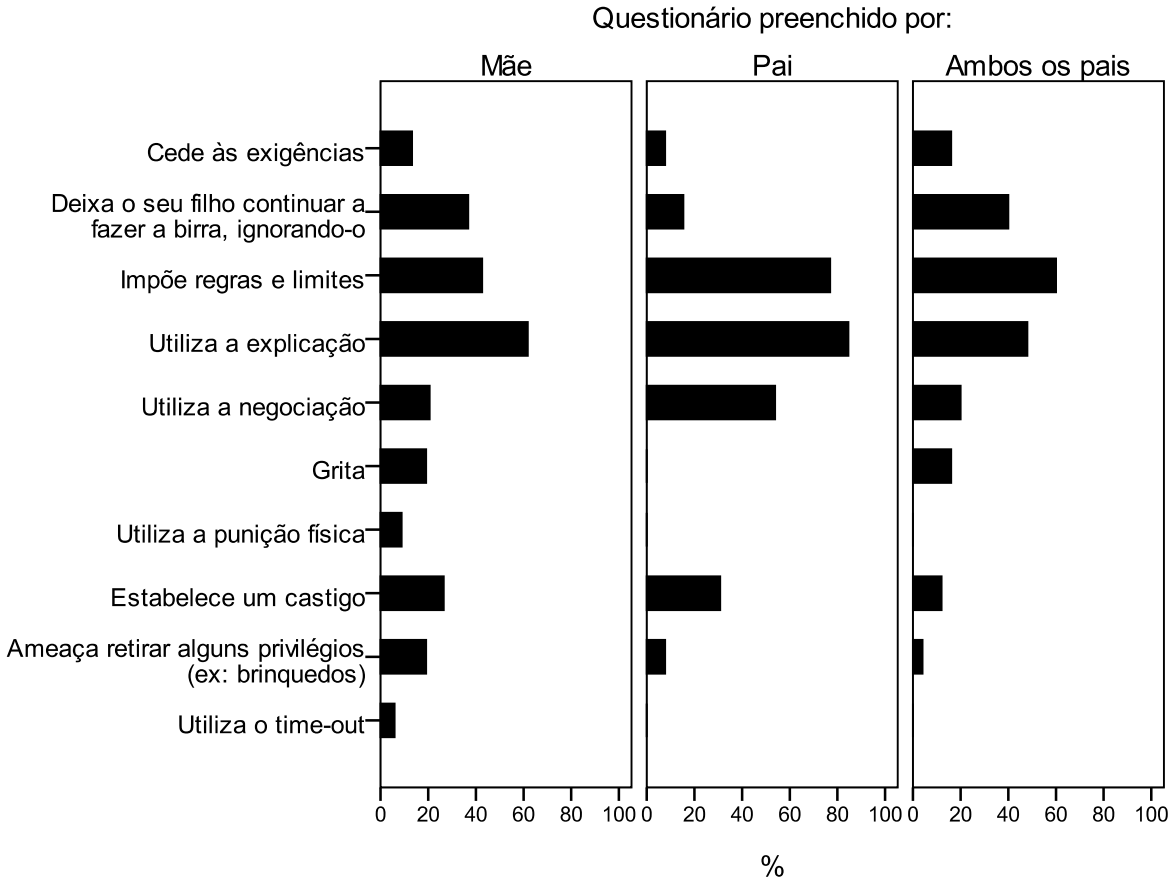


Figura 2 - Percentagens dos comportamentos adoptados pelos pais após as birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

3.1.4. Áreas de interferência das birras dos filhos

Perguntávamos, seguidamente, se os pais consideravam que as birras dos seus filhos interferiam no relacionamento entre pais e filhos, na relação conjugal, no relacionamento com o(s) irmão(s), no relacionamento dos pais com o(s) outro(s) filho(s) e na relação que a família tem com sociedade (ex: deixar de frequentar um local devido às birras que o filho faz). No Anexo E indicam-se as frequências absolutas e relativas das respostas dos pais a esta questão.

No Quadro 9 apresentam-se as frequências de respostas afirmativas às 5 questões referentes apresentadas para a interferência das birras dos filhos, representadas graficamente na Figura 3.

Conforme é perceptível, o relacionamento entre pais e filhos é a área mais afectada. Segue-se a relação conjugal, sobretudo quando são ambos os pais a responderem conjuntamente ao questionário. O relacionamento com o(s) irmão(s) é o terceiro factor enunciado, seguindo-se a relação que a família tem com sociedade e, por último, o relacionamento dos pais com o(s) outro(s) filho(s).

Quadro 9 - Frequências observadas e relativas referentes às áreas de interferências das birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

Áreas de interferências das birras dos filhos	**Preenchimento do questionário por**					
	Mãe		**Pai**		**Ambos os pais**	
	n	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**
1. Relacionamento entre pais e filhos	26	44,8	5	27,8	5	26,3
2. Relação conjugal	11	19,0	4	22,2	7	36,8
3. Relacionamento com o(s) irmão(s)	14	24,1	3	16,7	5	26,3
4. Relacionamento dos pais com o(s) outro(s) filho(s)	7	12,1	4	22,2	1	5,3
5. Relação que a família tem com sociedade (ex: deixar de frequentar um local devido às birras que o seu filho faz)	14	24,1	2	11,1	1	5,3
Total	**58**	**100,0**	**18**	**100,0**	**19**	**100,0**

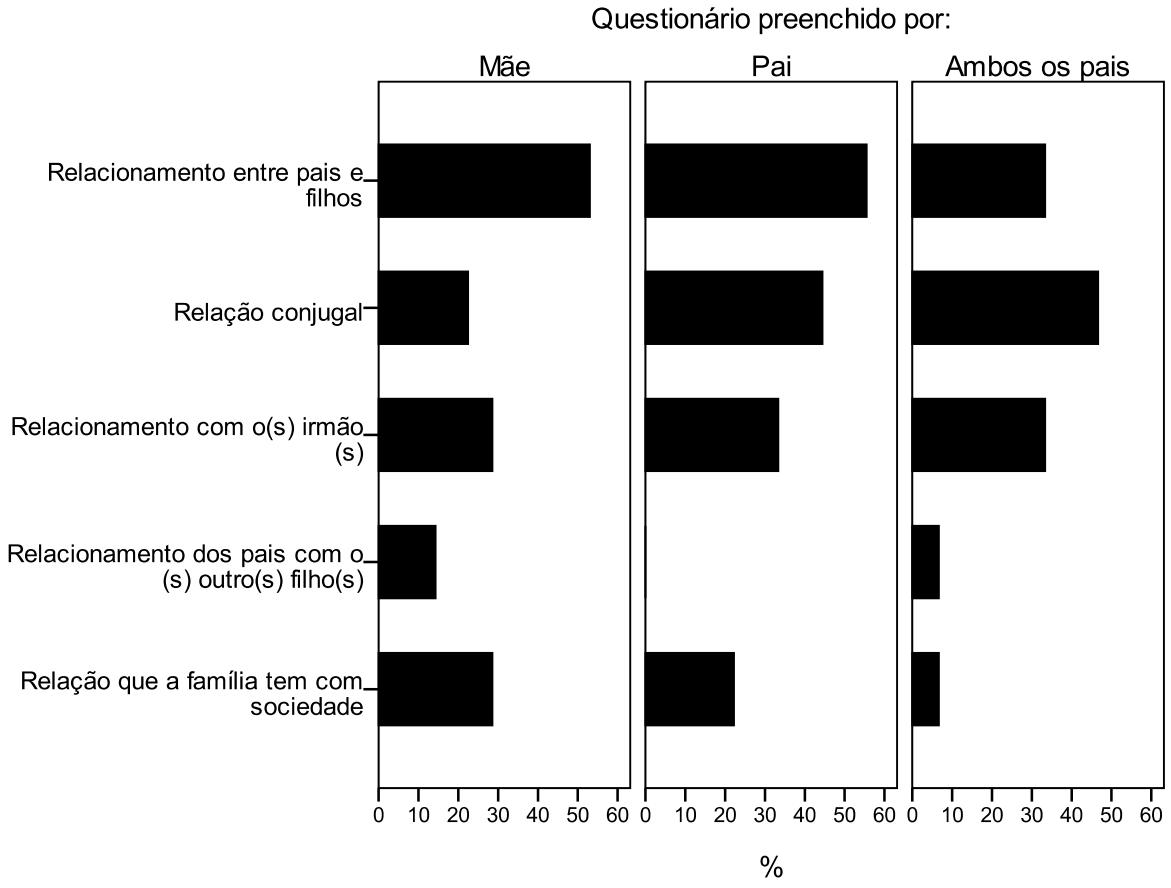


Figura 3 - Percentagens das áreas de interferências das birras dos filhos segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

3.1.5. Práticas educativas parentais: Frequência e adequação da utilização

Considerando que as práticas educativas são um dos aspectos importantes para moldar os comportamentos das crianças, questionámos os pais acerca das práticas educativas utilizadas.

O Inventário de Práticas Educativas é constituído por seis subescalas, avaliadoras da frequência de utilização (IPEa, de 1 = nunca usei a 4 = usei mais do que uma vez por mês) das seguintes práticas educativas: Práticas educativas adequadas (5 itens), Práticas inadequadas (4 itens), Punição física (5 itens), Maus tratos emocionais (5 itens), Maus tratos físicos (7 itens) e Comportamentos potencialmente maltratantes (3 itens). Para cada uma das subescalas procedemos ao cálculo da média dos itens constituintes. Indicam-se no Quadro 10 os valores mínimo e máximo, as pontuações médias e os desvios-padrão do Inventário de Práticas Educativas Parentais (escala global) e das seis subescalas constituintes segundo o preenchimento pela mãe, pai ou ambos os progenitores.

No Anexo F indicam-se as frequências de resposta para as seis subescalas de práticas educativas utilizadas pelos pais.

Quadro 10 - Utilização das Práticas Educativas Parentais: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do inventário pela mãe, pai ou ambos

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa)	**Preenchimento do inventário por**											
	Mãe				**Pai**				**Ambos os pais**			
	Mín	Máx	M	DP	Mín	Máx	M	DP	Mín	Máx	M	DP
Escala global	1	2	1,63	0,24	1	2	1,54	0,14	1	2	1,62	0,23
Subescalas :												
Práticas educativas adequadas	2	4	3,21	0,53	2	4	3,05	0,60	2	4	3,20	0,43
Práticas inadequadas	1	4	2,13	0,70	1	3	1,94	0,57	1	3	2,07	0,61
Punição física	1	3	1,96	0,47	1	3	1,87	0,54	1	3	1,96	0,48
Maus tratos emocionais	1	2	1,06	0,13	1	2	1,05	0,17	1	2	1,11	0,22
Maus tratos físicos	1	1	1,01	0,11	1	1	1,00	0,10	1	1	1,00	0,07
Comportamentos potencialmente maltratantes	1	3	1,32	0,52	1	2	1,23	0,39	1	3	1,25	0,60

Na Figura 4 indicam-se as médias do Inventário de Práticas Educativas (escala global) e subescalas constituintes segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos.

Conforme pode verificar-se, o comportamento dos progenitores referente à utilização das diversas práticas educativas é muito semelhante. De facto, a realização da Análise Multivariada da Variância (MANOVA) indica um resultado para o teste multivariado não significativo, Λ *de Wilks* = 0.951, F (12, 196) = 0.412, p = .958, pelo que optamos por apresentar conjuntamente os resultados das futuras análises com o Inventário de Práticas Educativas (i.e., considerando globalmente as respostas dos progenitores mãe, pai e ambos).

A inspecção da Figura 4 ilustra uma pontuação média superior para as práticas educativas adequadas, seguindo-se as práticas inadequadas e a punição física. Os maus tratos emocionais, os comportamentos potencialmente maltratantes e, sobretudo, os maus tratos físicos, acolhem pontuações médias mais baixas.

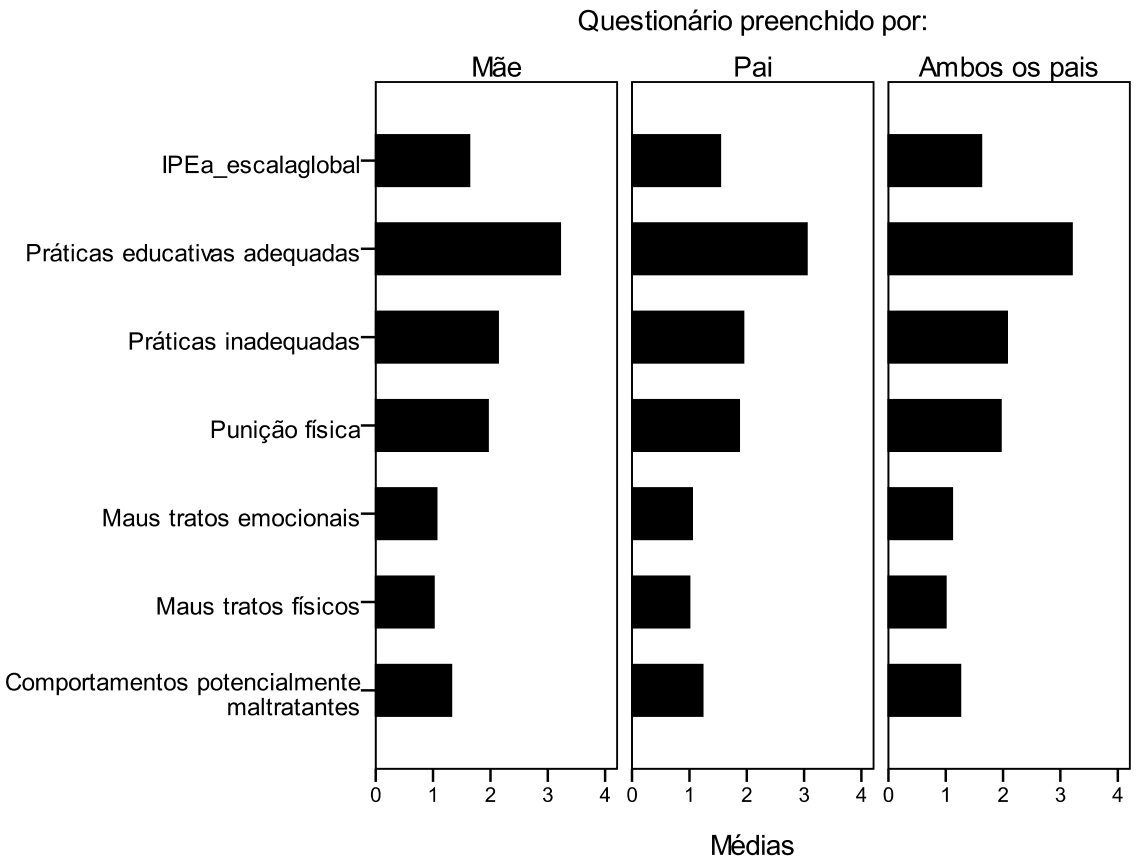


Figura 4 - Médias do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) e subescalas constituintes segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

A segunda parte do inventário avalia o grau de adequação das referidas práticas (IPEb) que pode ser respondido com as opções 1 = Adequado e 0 = Inadequado. Voltámos a calcular as pontuações médias para a escala global e subescalas constituintes, indicadas no Quadro 11.

Quadro 11 - Adequação das Práticas Educativas Parentais: mínimo (mín), máximo (máx), média (M) e desvios-padrão (DP) segundo o preenchimento do inventário pela mãe, pai ou ambos

Adequação das Práticas Educativas Parentais (IPEb)	Preenchimento do inventário por											
	Mãe				Pai				Ambos os pais			
	Mín	Máx	M	DP	Mín	Máx	M	DP	Mín	Máx	M	DP
Escala global	0,10	0,38	0,24	0,07	,14	,34	0,24	0,06	,14	,31	0,24	0,05
Subescalas :												
Práticas educativas adequadas	0,00	1,00	0,88	0,18	0,2	1,00	0,85	0,25	0,6	1,00	0,89	0,13
Práticas inadequadas	0,00	1,00	0,26	0,24	0,00	1,00	0,35	0,28	0,00	0,75	0,27	0,22
Punição física	0,00	1,00	0,23	0,15	0,00	0,6	0,22	0,17	0,00	0,4	0,18	0,13
Maus tratos emocionais	0,00	0,00	0,02	0,07	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,4	0,05	0,12
Maus tratos físicos	0,00	0,00	0,02	0,05	0,00	0,14	0,02	0,05	0,00	0,14	0,03	0,06
Comportamentos potencialmente maltratantes	0,00	0,00	0,04	0,11	0,00	0,67	0,05	0,18	0,00	0,33	0,01	0,07

Na Figura 5 representam-se graficamente as médias da Adequação das Práticas Educativas Parentais do Inventário de Práticas Educativas segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos. Conforme pode verificar-se, os pais têm uma percepção adequada sobre as práticas educativas a utilizar, ilustradas pela maior pontuação média na subescala Práticas educativas adequadas. Porém, as pontuações médias que se seguem referem-se às Práticas inadequadas e à Punição física, embora referidas como menos adequadas comparativamente às Práticas educativas adequadas. As subescalas com menores pontuações referentes ao grau de adequação referem-se aos Maus tratos emocionais, Maus tratos físicos e aos Comportamentos potencialmente maltratantes.

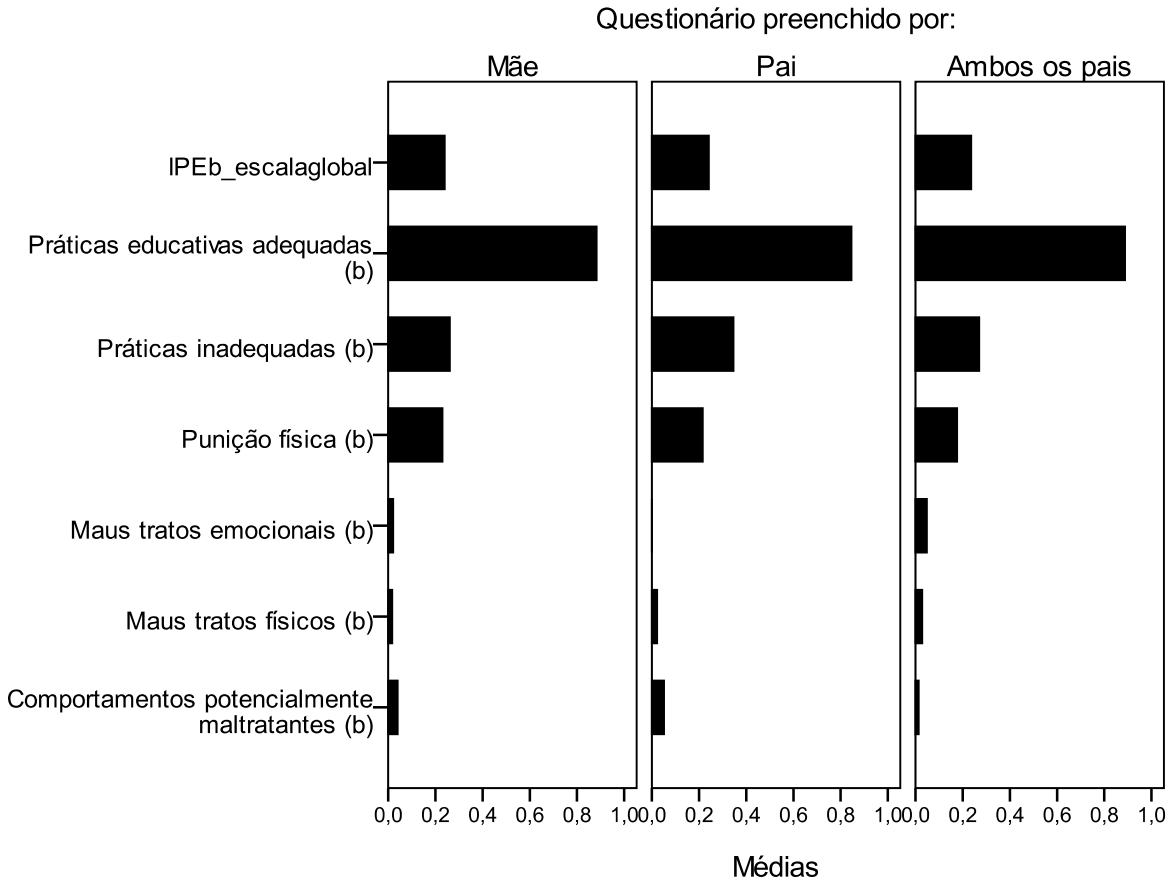


Figura 5 - Médias do Inventário de Práticas Educativas - Adequação das Práticas Educativas Parentais (IPEb) e subescalas constituintes segundo o preenchimento do questionário pela mãe, pai ou ambos

3.2. Análise Inferencial e Teste das Hipóteses

3.2.1. Práticas educativas parentais e birras: Teste da H1

A hipótese H1 afirma que "Os diferentes tipos de práticas educativas parentais relacionam-se com a existência ou não de birras e a sua frequência". Para testar H1 procedemos a dois testes distintos, um para analisar o efeito da existência de birras nos tipos de práticas educativas parentais e outro para relacionar as práticas educativas parentais com a frequência de birras dos filhos.

Para testar o efeito da existência de birras nos tipos de práticas educativas parentais procedemos a uma análise multivariada da variância (MANOVA, *procedimento General Linear Model*), tomando como variável independente (VI) a resposta à questão "O seu filho faz birras?" (1 = sim; 2 = não) e como variáveis dependentes (VDs) as pontuações médias

obtidas nas seis subescalas do Inventário de Práticas Educativas no referente à Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa).

A análise do teste multivariado indica que o efeito global não se revela estatisticamente significativo [*Λ de Wilks* = 0.965, F (6, 99) = 0,593, p = .735]. Por sua vez, quando consideramos as seis subescalas na sua especificidade, apenas constatamos que o facto de o filho fazer ou não birras se reverte em diferenças ao nível da subescala Punição física, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas atendendo ao limiar p = .05, conforme pode visualizar-se no Quadro 12. Para esta subescala constatamos que a punição física é maior quando o filho faz birras, conforme se ilustra na Figura 6. Curiosamente, embora as diferenças não sejam significativas, as práticas educativas inadequadas são maiores quando o filho faz birras.

Quadro 12 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do comportamento de birras dos filhos: Testes univariados

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa)	**O seu filho faz birras?**						
	Sim (n = 95)		Não (n = 11)		Total (N = 106)		F
Subescalas constituintes:	M	DP	M	DP	M	DP	(1,104)
Práticas educativas adequadas	3,20	0,50	3,13	0,66	3,19	0,51	0,18, *ns*
Práticas inadequadas	2,12	0,68	1,86	0,49	2,09	0,66	1,50, *ns*
Punição física	1,97	0,48	1,70	0,43	1,95	0,48	3,17*
Maus tratos emocionais	1,07	0,16	1,05	0,18	1,07	0,16	0,14, *ns*
Maus tratos físicos	1,01	0,10	1,00	0,00	1,01	0,10	0,08, *ns*
Comportamentos potencialmente maltratantes	1,31	0,52	1,18	0,60	1,29	0,52	0,54, *ns*

* p = .07

ns: as diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencionado, $p \leq .05$

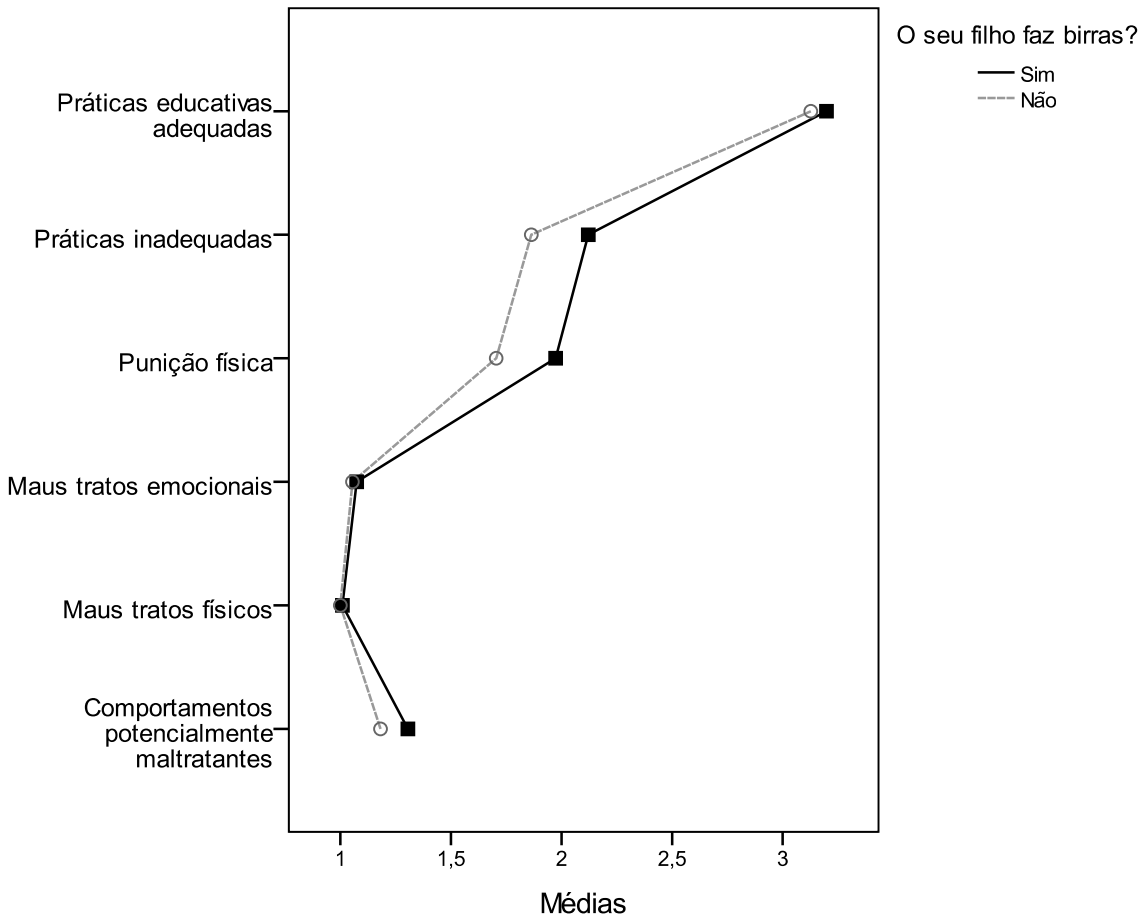


Figura 6 - Médias das subescalas do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do comportamento de birra dos filhos

O segundo teste da H1 procede ao coeficiente de correlação de Pearson entre as práticas educativas parentais e a frequência de birras dos filhos por um lado e, por o outro, com a altura em que o filho começou a fazer birras (c.f. Quadro 13).

Conforme pode observar-se, apenas uma relação é estatisticamente significativa atendendo ao limiar de significação estatística $p = .05$. Esta relação indica-nos que quanto maior é a antiguidade das birras dos filhos, mais inadequadas são as práticas educativas dos pais. Porém, se atendermos à relação da frequência de birras dos filhos com as Práticas inadequadas, bem como com a Punição física, verificamos que a relação é igualmente positiva, embora com um limiar $p = .07$ ou $p = .08$, o que nos leva a considerar que quanto mais frequentes as birras dos filhos, mais as práticas educativas são inadequadas e maior é a utilização da punição física. Encontramos, assim, suporte empírico para a Hipótese 1 no que respeita ao recurso a práticas educativas inadequadas, maiores para filhos que fazem birras

mais frequentes e há mais tempo. O suporte da H1 também se verificou relativamente à punição física, embora de forma parcial, pois apenas relacionado com a frequência das birras.

Quadro 13 - Coeficientes de correlação de Pearson (r) entre as práticas educativas parentais e a frequência de birras dos filhos

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) *Subescalas constituintes:*	**r** **frequência de birras do filho**	**r** **quando é que o filho começou a fazer birras**
Práticas educativas adequadas	.15, *ns*	.17, *ns*
Práticas inadequadas	.18*	.23***
Punição física	.19**	.12, *ns*
Maus tratos emocionais	-.01, *ns*	.03, *ns*
Maus tratos físicos	.00, *ns*	.03, *ns*
Comportamentos potencialmente maltratantes	.08, *ns*	.07, *ns*

* $p = .08$ ** $p = .07$ ** $p = .03$

ns: As diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencionado $p \leq .05$

3.2.2. Práticas educativas parentais e factores pessoais dos pais: Teste da H2

A Hipótese H2 afirma que os diferentes tipos de práticas educativas parentais relacionam-se com os factores pessoais dos pais (género, estado civil, habilitações literárias). Iremos testar esta hipótese atendendo, assim, a três variáveis que tomamos como independentes nas análises: género (1 = masculino; 2 = feminino), estado civil (1 = solteiros; 2 = casados/união de facto; 3 = separados/divorciados) e habilitações literárias (1 = 1º e 2º ciclo; 2 = 3º ciclo; 3 = Ensino Secundário e 4 = Bacharelato/Licenciatura).

3.2.2.1. Género e práticas educativas parentais

A análise do efeito do género dos pais no tipo de práticas educativas parentais utilizadas realizou-se novamente mediante uma análise multivariada da variância (MANOVA, *procedimento General Linear Model*), tomando como VI o sexo dos participantes (1 = masculino; 2 = feminino) e como VDs as pontuações médias obtidas nas seis subescalas do Inventário de Práticas Educativas no referente à Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa).

O resultado da MANOVA indica-nos que tanto o teste multivariado [*Λ de Wilks* = 0.980, F (6, 74) = 0,245, p = .960] como os testes univariados subsequentes não se mostram estatisticamente significativos (c.f. Quadro 14). Concluímos que o género dos pais não influencia a Utilização das Práticas Educativas Parentais, não se tendo encontrado suporte empírico da H2 quanto ao género dos pais.

Quadro 14 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do género dos pais: Testes univariados

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa)	**Género dos pais**						
	Masculino (n = 13)		Feminino (n = 68)		Total (N = 81)		F
Subescalas constituintes:	M	DP	M	DP	M	DP	(1,104)
Práticas educativas adequadas	3,21	0,53	3,05	0,60	3,19	0,54	1,06, *ns*
Práticas inadequadas	2,13	0,70	1,94	0,57	2,10	0,68	0,85, *ns*
Punição física	1,96	0,47	1,87	0,54	1,94	0,48	0,38, *ns*
Maus tratos emocionais	1,06	0,13	1,05	0,17	1,06	0,14	0,14, *ns*
Maus tratos físicos	1,01	0,11	1,00	0,10	1,01	0,11	0,15, *ns*
Comportamentos potencialmente maltratantes	1,32	0,52	1,23	0,39	1,30	0,50	0,33, *ns*

ns: as diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencionado, $p \leq .05$

3.2.2.2. Estado civil e práticas educativas parentais

Considerando, agora, a influência do estado civil nas práticas educativas utilizadas pelos pais, repetimos o procedimento da MANOVA, tomando agora como VI esta nova variável (1 = solteiros; 2 = casados/união de facto; 3 = separados/divorciados).

O resultado do teste multivariado não se mostrou estatisticamente significativo [*Λ de Wilks* = 0.930, F (12, 196) = 0,599, p = .841], bem como qualquer um dos testes univariados subsequentes, conforme ilustra o Quadro 15.

Concluímos que, à semelhança do género, o estado civil dos pais não influencia as práticas educativas que utilizam com os filhos, não se encontrando, uma vez mais, suporte empírico para a Hipótese 2.

Quadro 15 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função do estado civil dos pais: Testes univariados

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa)	**Estado civil dos pais**								
	Solteiros (n = 13)		Casados /União de Facto (n = 68)		Divorciados /Separados (N = 81)		Total (N = 81)		F (1,104)
Subescalas constituintes:	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Práticas educativas adequadas	3,27	0,57	3,18	0,52	3,20	0,48	3,19	0,51	0,16, *ns*
Práticas inadequadas	2,05	0,82	2,10	0,66	2,14	0,57	2,09	0,66	0,05, *ns*
Punição física	1,82	0,25	1,95	0,46	2,06	0,81	1,95	0,48	0,63, *ns*
Maus tratos emocionais	1,02	0,06	1,08	0,17	1,04	0,13	1,07	0,16	0,89, *ns*
Maus tratos físicos	,96	0,13	1,02	0,09	,98	0,11	1,01	0,10	1,88, *ns*
Comportamentos potencialmente maltratantes	1,18	0,40	1,29	0,51	1,44	0,75	1,29	0,52	0,62, *ns*

ns: as diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencionado, $p \leq .05$

3.2.2.3. Habilitações literárias e práticas educativas parentais

O último teste da Hipótese 2 prende-se com a análise das repercussões das habilitações literárias nas práticas educativas dos pais. Considerámos 4 níveis desta VI – 1 = 1º e 2º ciclo; 2 = 3º ciclo; 3 = Ensino Secundário e 4 = Bacharelato/Licenciatura – e repetimos a MANOVA quer para as habilitações da mãe, quer para as do pai.

Considerando as habilitações literárias da mãe, o resultado do teste multivariado voltou a não se mostrar estatisticamente significativo, embora se aproxime do limiar $p = .05$ [*Λ de Wilks* = 0.758, F (18, 272) = 1,56, $p = .07$]. Quando analisamos os resultados dos testes univariados, constatamos pela existência de um efeito significativo ao nível da subescala Maus tratos emocionais (c.f. Quadro 16).

A realização dos testes de comparação múltipla de Tukey HSD mostra-nos que as diferenças situam-se entre as mães que possuem menos habilitações literárias (1º, 2º e 3º ciclos) e aquelas que possuem mais habilitações (bacharelato/licenciatura). Assim, estas últimas mostram uma maior frequência de utilização de Maus tratos emocionais comparativamente às primeiras: diferenças absolutas entre as médias de 0.12, $p = .04$, para a

comparação entre mães que possuem bacharelato/licenciatura e as que possuem o 1º ou 2º ciclo do Ensino Básico e diferenças absolutas entre as médias de 0.14, p = .04, para a comparação entre mães que possuem bacharelato/licenciatura e as que possuem o 3º ciclo do Ensino Básico.

Concluímos que as habilitações literárias da mãe apresentam influência nas práticas educativas com os filhos ao nível dos Maus tratos emocionais, mais utilizados por mães que possuem o Ensino Superior, conforme pode verificar-se na Figura 7.

Quadro 16 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias da mãe: Testes univariados

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa)	**Habilitações literárias da mãe**										
	1º e 2º ciclo (n = 29)		3º ciclo (n = 27)		Ensino Secundário (n = 27)		Bacharelato/ Licenciatura n = 25)		Total (N = 105)		F (1,104)
Subescalas constituintes:	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
Práticas educativas adequadas	3,08	0,58	3,17	0,47	3,22	0,43	3,37	0,50	3,20	0,50	1,45
Práticas inadequadas	2,11	0,75	2,06	0,63	2,10	0,66	2,14	0,62	2,10	0,66	0,06, *ns*
Punição física	1,82	0,41	1,97	0,55	1,94	0,47	2,07	0,48	1,94	0,48	1,18, *ns*
Maus tratos emocionais	1,05	0,14	1,04	0,10	1,03	0,07	1,17	0,24	1,07	0,15	5,01*
Maus tratos físicos	0,99	0,10	0,99	0,07	1,01	0,03	1,05	0,16	1,01	0,10	2,20, *ns*
Comportamentos potencialmente maltratantes	1,32	0,54	1,28	0,51	1,20	0,36	1,38	0,69	1,29	0,53	0,52, *ns*

** p =.003*

ns: as diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencionado, $p \leq .05$

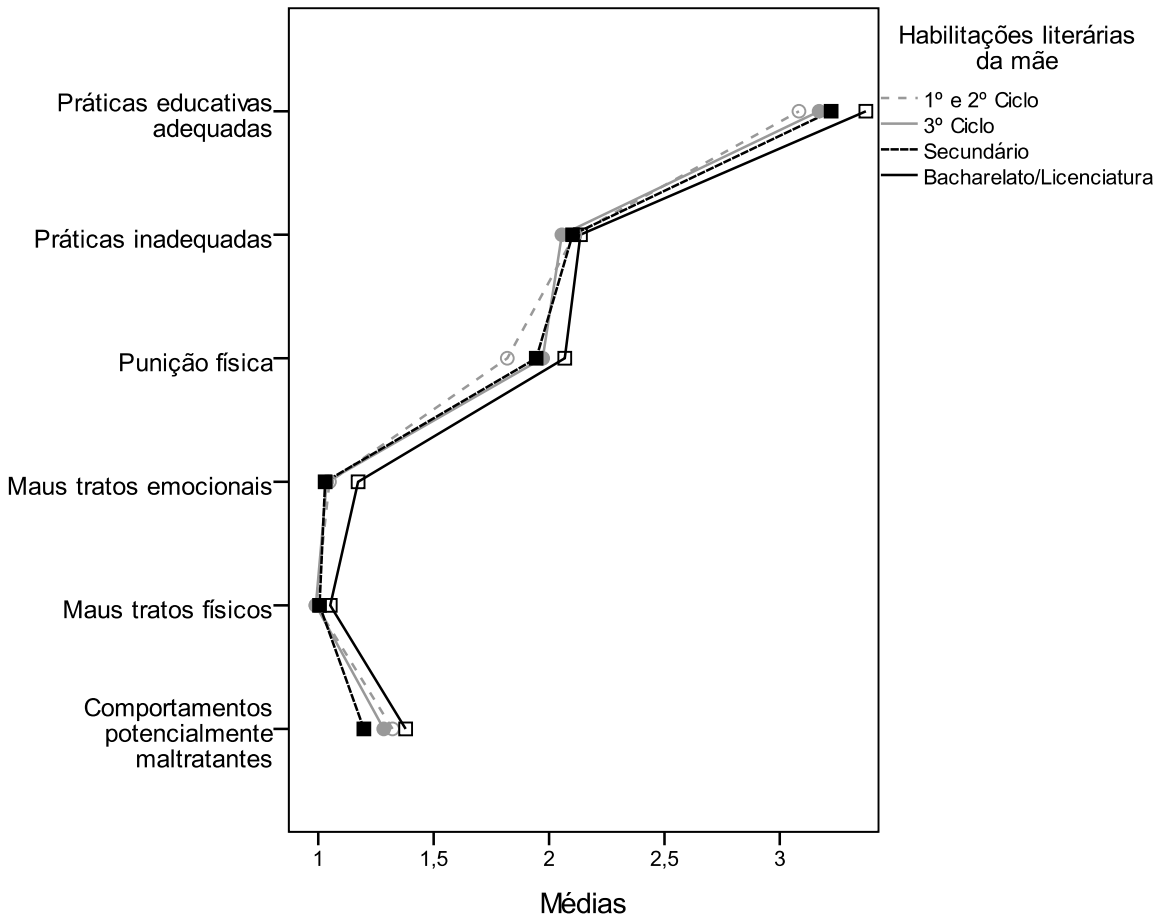


Figura 7 - Médias das subescalas do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias da mãe

Quando repetimos a análise para as habilitações literárias do pai, o teste multivariado já se apresenta-se estatisticamente significativo [*Λ de Wilks* = 0.7335, F (18, 263) = 1,70, *p* = .04], embora devido ao efeito significativo de uma subescala diferente, as Práticas educativas adequadas, conforme se pode verificar no Quadro 17.

O seguimento da análise com os testes de comparação múltipla de Tukey HSD mostra-nos que as diferenças se situam entre os pais que possuem menos habilitações literárias (1º e 2º ciclos) e aqueles que possuem mais habilitações (bacharelato/licenciatura), mostrando estes últimos, uma superioridade ao nível das Práticas educativas adequadas: diferenças absolutas entre as médias de 0.39, *p* = .05.

Quadro 17 - Pontuações médias e desvios-padrão das seis subescalas da Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias do pai: Testes univariados

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa)	**Habilitações literárias do pai**										
	1º e 2º ciclo (n = 38)		3º ciclo (n = 37)		Ensino Secundário (n = 17)		Bacharelato/ Licenciatura n = 10)		Total (N = 102)		F (1,104)
Subescalas constituintes:	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
Práticas educativas adequadas	3,08	0,55	3,15	0,49	3,39	0,39	3,54	0,41	3,20	0,51	3,27*
Práticas inadequadas	1,99	0,70	2,18	0,61	2,07	0,68	2,23	0,79	2,09	0,67	0,63, *ns*
Punição física	1,84	0,46	2,03	0,45	1,79	0,47	2,13	0,54	1,93	0,47	2,21, *ns*
Maus tratos emocionais	1,09	0,19	1,03	0,09	1,06	0,14	1,14	0,21	1,07	0,16	1,65, *ns*
Maus tratos físicos	1,00	0,11	0,99	0,07	1,02	0,09	1,07	0,15	1,01	0,10	1,96, *ns*
Comportamentos potencialmente maltratantes	1,24	0,48	1,24	0,47	1,37	0,70	1,47	0,63	1,28	0,53	0,72, *ns*

* p =.025

ns: as diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencionado, $p \leq .05$

Concluímos, assim, que os pais com maiores habilitações literárias utilizam mais práticas educativas adequadas, conforme ilustra a Figura 8, o que mostra um suporte empírico parcial para a Hipótese 2.

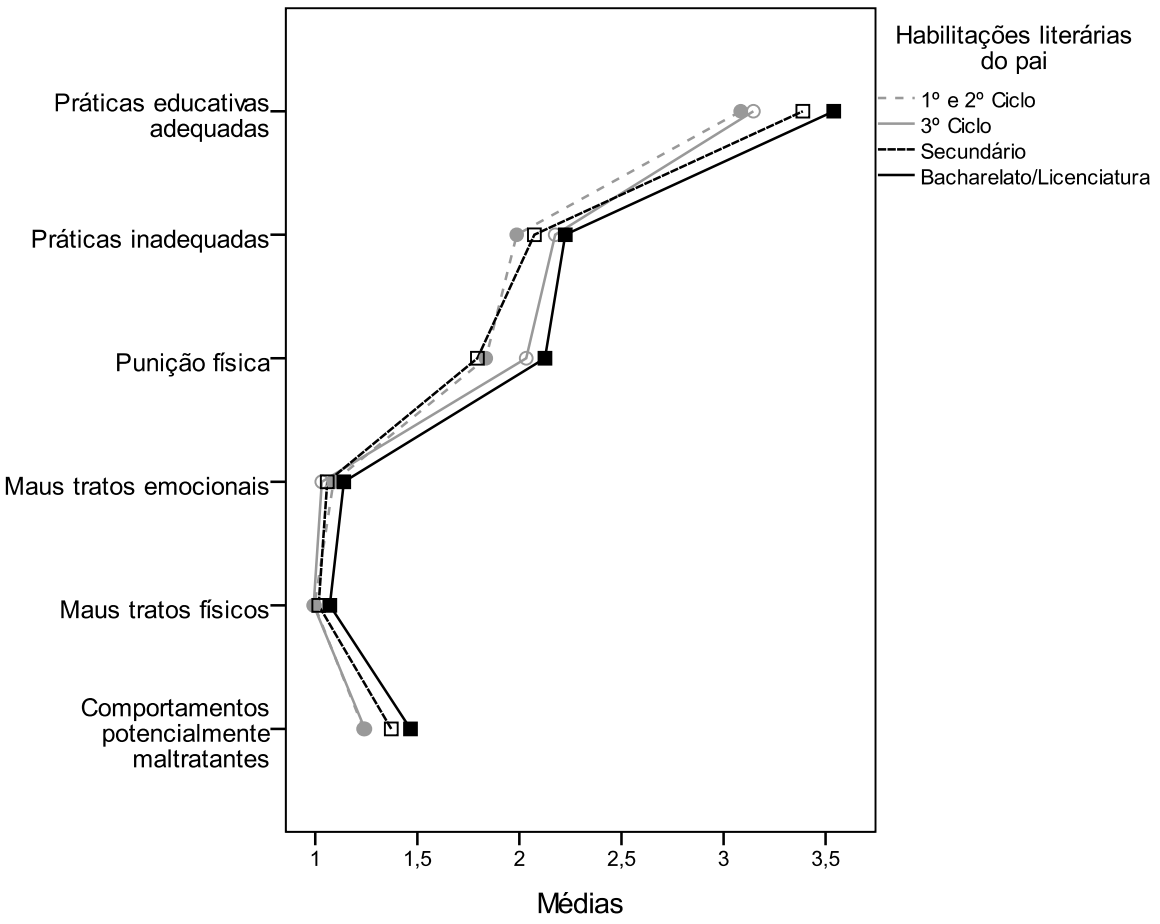


Figura 8 - Médias das subescalas do Inventário de Práticas Educativas - Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) em função das habilitações literárias do pai

3.3. Práticas educativas parentais e idade os filhos: Teste da H3

Por último, procedemos ao teste da Hipótese 3 – a idade dos filhos relaciona-se com as práticas educativas utilizadas pelos pais – recorrendo aos coeficientes de correlação de Pearson, conforme ilustra o Quadro 18. A média de idades para o primeiro filho é de M = 6,31 anos (DP = 4,23), para o segundo é de M = 5.78 anos (DP = 4,85) e para o terceiro é de M = 8.30 anos (DP = 5.36).

A inspecção dos coeficientes de correlação para a idade do 1º filho mostra-nos que quanto mais idade tem esse filho, menos os pais recorrem à Punição física. Este resultado mantém-se, igualmente, para o 2º e para o 3º filho do casal. Porém, para o 2º filho, quanto maior for a idade menos são as Práticas educativas adequadas, ocorrendo um resultado inverso para o 3º filho, embora o coeficiente de correlação não seja significativo devido ao reduzido número de 3ºs filhos (n = 10). Para o 2º e 3º filhos constatamos, ainda, que quanto

mais velhos são, menos os pais tendem a utilizar as Práticas inadequadas, a Punição física, os Maus tratos emocionais, os Maus tratos físicos e os Comportamentos potencialmente maltratantes. Concluímos, assim, pelo suporte empírico da Hipótese 3: a idade dos filhos relaciona-se com as práticas educativas utilizadas pelos pais.

Quadro 18 - Coeficientes de correlação de Pearson (r) entre as práticas educativas parentais e a idade dos filhos

Utilização das Práticas Educativas Parentais (IPEa) *Subescalas constituintes:*	**r idade do 1º filho** (n = 106)	**r idade do 2º filho** (n = 60)	**r idade do 3º filho** (n = 10)
Práticas educativas adequadas	-.05, *ns*	-.38**	.53, *ns*
Práticas inadequadas	-.02, *ns*	-.41***	-.11, *ns*
Punição física	-.27**	-.25*	-.23, *ns*
Maus tratos emocionais	-.02, *ns*	-.03, *ns*	-.46, *ns*
Maus tratos físicos	.01, *ns*	-.26*	-.40, *ns*
Comportamentos potencialmente maltratantes	-.08, *ns*	-.21, *ns*	-.41, *ns*

* $p < .05$ ** $p < .01$ ** $p < .001$

ns: As diferenças não atingem o limiar de significação estatística convencionado $p \leq .05$

4. Discussão dos Resultados

As birras são uma característica do desenvolvimento normal das crianças que surgem por volta dos 15-18 meses, sendo, também, uma das queixas comportamentais mais frequentes na primeira infância. Normalmente, as birras são desencadeadas quando as crianças pretendem a sua autonomia e são incapazes de tomar decisões. Por isso, os pais devem deixá-las decidir sobre aquilo que querem, de forma a se tornarem mais independentes e a dominarem melhor os seus sentimentos (Brazelton & Sparrow, 2004; Queirós et al., 2003).

Para que as birras das crianças não se tornem um grave problema de comportamento das crianças, os pais devem adoptar práticas educativas adequadas para promover comportamentos desejáveis.

Por isso mesmo, o objectivo principal definido para esta investigação é verificar se os diferentes tipos de práticas educativas parentais se relacionam com a existência ou não de birras. Porém, os nomes dos tipos de práticas educativas parentais definidos por Bolsoni-Silva et al. (2008) e Hoffman (1994) não são iguais aos sugeridos por Machado et al. (2008). Uma vez que o instrumento de recolha de dados que nos permite avaliar as práticas educativas dos pais é da autoria de Machado et al. (2008) seguiremos a terminologia adoptada por estes autores. No entanto, é importante referir que iremos considerar que as práticas educativas positivas (Bolsoni-Silva et al., 2008) e indutivas (Hoffman, 1994) correspondem às práticas educativas adequadas. Por sua vez, as práticas educativas negativas (Bolsoni-Silva et al., 2008) e as coercitivas (Hoffman, 1994) correspondem às práticas educativas inadequadas embora não abusivas, à punição física, aos maus tratos emocionais, aos maus tratos físicos e aos comportamentos potencialmente maltratantes.

Por outro lado, pretendemos, identificar a prevalência das birras, identificar as práticas educativas mais utilizadas pelos pais, relacionar as duas variáveis em estudo (as práticas educativas parentais e as birras das crianças) e compreender a influência dos factores pessoais dos pais (género, habilitações literárias e estado civil) nas birras das crianças.

Assim, os dados recolhidos relativamente à prevalência das birras dos filhos mostram-nos que grande parte dos inquiridos respondeu que os seus filhos fazem birras. Concluímos, também, que a resposta negativa à pergunta "O seu filho faz birra?" está relacionada com o facto de os 11 inquiridos terem filhos com 6 anos de idade e, por isso, acharem que os seus filhos não têm este comportamento.

Dos participantes que responderam afirmativamente à pergunta "O seu filho faz birra?", a maioria respondeu que os seus filhos fazem birras duas vezes por dia. Verificámos que não

foi encontrado um comportamento de birra preocupante que é considerado quando as crianças fazem birras cinco ou mais vezes por dia e são difíceis de acalmar (Ramalho, 2002; Reinberger, 2008). Relativamente, ao início das birras dos seus filhos, constatou-se que mais de metade da amostra respondeu que os seus filhos iniciaram as birras no último ano, sendo que o contexto onde as birras ocorrem com maior frequência é em casa dos pais e, seguidamente, em casa dos avós. As birras das crianças consideram-se preocupantes quando ocorrem em mais do que um contexto (Ramalho, 2002; Reinberger, 2008), por isso torna-se essencial ficar atento a todos os sintomas deste comportamento.

De forma a combater as birras dos seus filhos, os pais adoptam vários métodos de disciplina, sendo que os mais utilizados são a explicação e a imposição de regras e limites. Estes resultados vão de encontro ao que Regalado et al. (2004) concluíram no seu estudo relativamente aos métodos de disciplina mais utilizado pelos pais. Verifica-se, também, que a mãe utiliza todas as estratégias sugeridas, enquanto o pai não recorre ao gritar, à punição física e ao *time-out*. Estes dados podem dever-se a vários factores, entre os quais, o baixo bem-estar emocional, a etnia, a idade dos pais (Regalado et al., 2004), a personalidade e a qualidade do relacionamento entre pais e filhos (Papalia et al., 2009). Contudo, não é possível verificarmos estas correlações na nossa investigação.

No que diz respeito às áreas de interferência das birras das crianças, concluímos que o relacionamento entre pais e filhos é o mais afectado, pois segundo Ramalho (2002) as birras das crianças criam sentimentos de frustração, culpa e incapacidade por parte dos pais, levando-os a criticarem os seus filhos. Destaca-se, ainda, a relação conjugal como a mais afectada quando o questionário é preenchido por ambos os pais, uma vez que as birras das crianças desgastam psicologicamente o casal, restando pouco tempo para a uma relação de intimidade (Ramalho, 2002). No entanto, segundo Webster-Stratton e Hammond (1999), por vezes, o conflito conjugal, também, influencia as práticas educativas escolhidas pelos pais. No entanto, na nossa investigação não temos indicadores que avaliem esta variável.

Considerando que as práticas educativas parentais são um dos aspectos importantes para moldar os comportamentos das crianças, eliminando os comportamentos indesejáveis e promovendo os comportamentos desejáveis, questionámos os pais acerca das práticas educativas utilizadas.

Quanto às práticas educativas mais utilizadas pelos pais, o comportamento destes é muito semelhante. Assim, independentemente de ser a mãe, o pai ou ambos a responderem, as práticas mais utilizadas são as práticas educativas adequadas, seguidas das práticas inadequadas e da punição física. Sendo assim, é de notar que as pontuações sejam altas na

subescala Práticas educativas adequadas relativamente à percepção da adequação das práticas educativas. Estes resultados vão de encontro ao que Tiba (1996) afirma, pois segundo este autor, actualmente, os pais mantém uma relação mais próxima dos filhos, transmitindo-lhes carinho e afecto.

Relativamente à Hipótese 1 deste estudo que afirma que "Os diferentes tipos de práticas educativas parentais relacionam-se com a existência ou não de birras e a sua frequência", podemos concluir que não existem dados estatisticamente significativos ao nível global das práticas educativas parentais relativamente à existência ou não de birras. Porém, e indo ao encontro do que Murphy-Cowan e Stringer (1999) comprovaram, verificamos que existem diferenças na subescala Punição física, pois quando os filhos fazem birras, a punição física é maior. Por outro lado, a nossa investigação também sustenta o estudo de Stormshak, Bierman, McMahon e Lengua (2000) que constataram que a punição física estava relacionada com as elevadas taxas de comportamentos disruptivos, entre os quais as birras das crianças.

Além disso, estes resultados, também apoiam o estudo efectuado por Alvarenga e Piccinini (2001) que concluiu que as práticas educativas adequadas eram mais utilizadas em crianças sem problemas de comportamento, enquanto as práticas educativas inadequadas embora não abusivas, punição física, maus tratos emocionais, maus tratos físicos e comportamentos potencialmente maltratantes eram dominantes no grupo de crianças que apresentavam problemas de comportamento. O estudo de DeVito e Hopkins (2001) constatou o mesmo, verificando-se que as crianças em que são aplicadas práticas educativas inadequadas embora não abusivas, punição física, maus tratos emocionais, maus tratos físicos e comportamentos potencialmente maltratantes apresentam níveis mais altos de comportamentos disruptivos em comparação com crianças que se sentem seguras e protegidas.

Deve-se alertar os pais para o facto de aquando a aplicação da punição física, estão a parar a acção dos seus filhos mas, ao mesmo tempo, estão a ensinar-lhes que a agressividade é uma forma de resolução dos problemas (Alvarenga & Piccinini, 2001; Domitrovich & Greenberg, 2010).

Por outro lado, averiguou-se, também, que as práticas educativas inadequadas são maiores quando os filhos fazem birras. Um dos factores que influenciam o recurso às práticas educativas inadequadas e à punição física é a autorização política deste método de disciplina, pois nas Filipinas, a punição física é considerado um método autorizado para moldar o bom carácter das crianças (Sanapo & Nakamura, 2011) e em Portugal isso já não se verifica.

Existem vários órgãos sociais como a Comissão de Protecção de Menores para punir legalmente os responsáveis pelo uso de práticas educativas negativas.

Contudo, tal como afirma Cecconello et al. (2003), o recurso casual de práticas educativas inadequadas embora não abusivas, punição física, maus tratos emocionais, maus tratos físicos e comportamentos potencialmente maltratantes por parte dos pais que utilizem práticas educativas adequadas não prejudica o desenvolvimento da criança.

No que concerne à segunda parte da Hipótese 1 relativamente à relação entre as práticas educativas parentais, a frequência e o início das birras aferimos que somente existe uma relação estatisticamente significativa. Esta diz respeito à antiguidade das birras dos filhos. Assim, quanto mais cedo se iniciam as birras, mais inadequadas são as práticas educativas parentais. Porém, também existe uma relação positiva em relação à frequência das birras, pois quanto mais frequentes são as birras dos filhos, mais as práticas educativas são inadequadas e maior é o uso da punição física, reforçando, mais uma vez, o que Murphy-Cowan e Stringer (1999) concluíram. Constatamos, então, que encontrámos suporte empírico para a Hipótese 1, no que diz respeito a uma maior utilização de práticas educativas inadequadas em filhos que fazem birras com maior frequência e há mais tempo.

No que se refere à relação entre os diferentes tipos de práticas educativas parentais e os factores pessoais dos pais (género, estado civil e habilitações literárias) (Hipótese 2), verifica-se que o género e o estado civil dos pais não influenciam as práticas educativas utilizadas nos filhos. Relativamente às habilitações literárias da mãe constatou-se que os resultados não são estatisticamente significativos. No entanto, verificou-se que as mães que possuem o Ensino Superior recorrem com maior frequência aos maus tratos emocionais. Quanto ao pai, concluímos que os pais com maiores habilitações literárias utilizam mais práticas educativas adequadas, mostrando, assim, um suporte empírico parcial para a Hipótese 2.

Por último, quanto à influência da idade dos filhos nas práticas educativas parentais (Hipótese 3), os dados obtidos são contrários ao que Regalado et al. (2004) verificaram. Enquanto no nosso estudo, aferimos que quanto mais velhos os filhos, menos os pais recorrem à punição física, os autores acima referidos constataram que à medida que a idade aumenta, a punição física é a prática educativa mais utilizada.

Esclarecidas as conclusões resultantes da nossa investigação, importa referir algumas limitações ao longo da mesma. Assim, em primeiro lugar, deve-se referir que o número de participantes incluídos nesta investigação não é compatível com a generalização dos resultados para a população portuguesa. Seria necessário um maior número de participantes e uma divisão mais heterogénea da população no que diz respeito ao facto de seus filhos

fazerem ou não birras. Por outro lado, seria igualmente interessante a amostra ser dividida pelos tipos de práticas educativas parentais utilizadas. Assim, sugere-se, em estudos futuros, uma distribuição mais equilibrada dos participantes, de forma a se ter uma noção mais próxima da realidade das birras das crianças na população portuguesa.

Para além disso, uma outra limitação diz respeito ao instrumento utilizado, o Inventário de Práticas Educativas (I.P.E.), pois é um instrumento constituído na sua maioria por itens respeitantes à violência física e emocional, sendo esta uma critica que recebemos ao longo da recolha dos dados.

No que diz respeito aos resultados tratados, relativamente às práticas educativas parentais, estes parecem ser muito positivos. Contudo, nesta investigação não são abordados factores que podem ser considerados relevantes para a compreensão da aplicação das práticas educativas parentais quando as crianças fazem birras. Até que ponto o nível de ansiedade parental interfere na escolha das práticas educativas quando um filho faz birra? Em que medidas os conflitos conjugais interferem na aplicação das práticas educativas parentais? Estas podem ser duas questões importantes a avaliar em futuras investigações.

Apesar das limitações apresentadas e como avaliação final, consideramos que a nossa investigação é uma mais-valia para a comunidade científica porque contribui para um maior aprofundamento acerca da influência das práticas educativas parentais nas birras das crianças. Além disso, pode-se apontar como implicação para a prática clínica na intervenção familiar e em aspectos relacionados com as questões da parentalidade e ao facto de algumas práticas educativas parentais se deverem aos factores sociodemográficos dos pais e às características pessoais dos seus filhos. Deste modo, é importante que psicólogos e pais tenham conhecimento destas descobertas para lhes permitir adoptar intervenções mais adequadas e holísticas.

Assim, pretende-se que esta investigação seja uma abertura para a compreensão dos comportamentos dos pais face às birras dos seus filhos e, consequentemente, para a intervenção clínica com as famílias.

5. Conclusões

As birras são uma característica do desenvolvimento normal das crianças que surgem por volta dos 15-18 meses, sendo, também, uma das queixas comportamentais mais frequentes na primeira infância. Normalmente, as birras são desencadeadas quando as crianças pretendem a sua autonomia e são incapazes de tomar decisões (Brazelton & Sparrow, 2004; Queirós et al., 2003). Para que as birras das crianças não se tornem um grave problema de comportamento, os pais devem adoptar práticas educativas adequadas para promover comportamentos desejáveis.

Através do nosso trabalho, concluímos que não foi encontrado nenhum comportamento de birra considerado preocupante. A maioria das birras das crianças iniciaram-se no último ano, ocorrendo com maior frequência em casa dos pais. Após a ocorrência das birras dos seus filhos, os inquiridos utilizam como método de disciplina a explicação e a imposição de regras e limites.

De um modo geral, as práticas educativas mais utilizadas pelos pais são as práticas educativas adequadas. Porém, quando confrontados com as birras dos seus filhos, os pais recorrem à punição física e às práticas educativas inadequadas. Além disso, há uma maior utilização de práticas educativas inadequadas em filhos que fazem birras com maior frequência e há mais tempo.

Verificou-se, também, que o género e o estado civil dos pais não influenciam as práticas educativas utilizadas nos filhos. Porém, quanto maiores as habilitações literárias das mães, maior o recurso a maus tratos emocionais. Relativamente ao pai, quanto maiores as habilitações literárias, maior a utilização de práticas educativas adequadas.

Por último, no que diz respeito à influência da idade dos filhos nas práticas educativas parentais, concluímos que quanto mais velhos os filhos, menos os pais recorrem à punição física.

Apesar destas conclusões, muitas questões continuam a necessitar de ser exploradas empiricamente. Por isso, seria bastante interessante que em futuras investigações, a amostra fosse mais significativa da população portuguesa, de forma a avaliar melhor as questões relativamente à influência do género e do estado civil nas práticas educativas parentais. Além disso, também seria uma mais-valia alargar a investigação a várias etnias para que o fenómeno pudesse ser alargado. Por outro lado, seria igualmente relevante considerar outros factores, tais como, ansiedade, stresse parental e conflito conjugal.

Consideramos, então, que esta investigação é uma pequena porta que se abre para a compreensão das práticas educativas parentais e as birras das crianças.

6. Referências Bibliográficas

Almeida, C. G., Belloni, E., Dancieri, M. R., & Senedesi, M. A. (2006). A Influência das Práticas Educativas dos Pais Sobre o Comportamento dos Filhos. *Revista Terra e Cultura, 43*, 64-68.

Almeida, J. F., & Pinto, J. M. (1995). *SPSS: A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. In H. J. Guilhardi, *Sobre comportamento e cognição (Vol. 8)* (pp. 54-60). Santo André: ESETec Editores Associados.

Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14 (3)* , 449-460.

Bem, L. A., & Wagner, A. (Janeiro-Abril de 2006). Reflexões Sobre a Construção da Parentalidade e o Uso de Estratégias Educativas em Famílias de Baixo Nível Socioeconômico. *Psicologia em Estudo, 11 (1)* , 63-71.

Best, D. K., & Williams, J. (1997). Sex, gender and culture. In J. Berry, M. H. Segall, & C. Kagitcibasi, *Handbook of cross-cultural psychology: Social behavior and applications (Vol.3)* (pp. 163-212). Boston: Allyn and Bacon.

Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2007). A Qualidade da Interação Positiva e da Consistência Parental na sua Relação com Problemas de Comportamentos de Pré-Escolares. *Revista Interamericana de Psicología, 41 (3)* , 349-358.

Bolsoni-Silva, A. T., Paiva, M. M., & Barbosa, C. G. (2009). Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: Um estudo de caracterização. *Psicologia Clínica, 1 (21)* , 169-184.

Bolsoni-Silva, A. T., Silveira, F. F., & Marturano, E. M. (2008). Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 10 (2)* , 125-142.

Booth, C. L., Rose-Krasnor, L., & Rubin, K. H. (1991). Relating preschoolers' social competence and their mothers' parenting behaviors to early attachment security and high-risk status. *Journal of Social and Personal Relationships, 8* , 363-382.

Brazelton, T. B., & Sparrow, J. D. (2004). *A Criança e a Disciplina - O Método Brazelton* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Burns, E. E., Jackson, J. L., & Harding, H. G. (2010). Child maltreatment, emotion regulation and posttraumatic stress: The impact of emotional abuse. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 19* , 801-819. doi: 10.1080/10926771.2010.522947

Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar. *Psicologia em Estudo, 8* , 45-54.

Cordeiro, M. (2008). *O Livro da Criança: Do 1 aos 5 anos (3ª Ed.).* Lisboa: A Esfera dos Livros.

Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo.* Petrópolis: Vozes.

DeVito, C., & Hopkins, J. (2001). Attachment, parenting and marital dissatisfaction as predictors of disruptive behavior in preschoolers. *Development and Psychopathology, 13* , 215-231.

Dodge, K. A., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (1994). Socialization mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. *Child Development, 65* , 649-665.

Doyle, C. (1997). Emotional abuse of children: Issues for intervention. *Child Abuse Review, 6*, 330-342.

Fite, P. J., Stoppelbein, L., & Greening, L. (2009). Predicting Readmission to a Child Psychiatric Inpatient Unit:The Impact of Parenting Styles. *J Child Fam Stud, 18* , 621-629. doi: 10.1007/s10826-009-9284-8

Fox, R. A., Platz, D. L., & Bentley, K. S. (1995). Maternal factors related to parenting practices, developmental expectations, and perceptions of child behavior problems. *The Journal of Genetic Psychology, 156* , 431-441.

Gil, A. C. (1999). *SPSS: Métodos e técnicas de pesquisa social.* São Paulo: ATLAS.

Gomide, P. I., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P., & Sabbag, G. M. (Julho-Dezembro de 2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF, 10 (2)* , 169-178.

Hoffman, M. L. (1994). Discipline internalization. *Developmental Psychology, 30* , 26-28.

Irfan, S. (Abril de 2008). Childrearing practices among south asian muslims in Britain: The cultural context of physical punishment. *Journal of Muslim Minority Affairs, 28 (1)* , 147-161. doi: 10.1080/13602000802011192

Kail, R. V. (2004). *A Criança.* São Paulo: Prentice Hall.

Keenan, K., & Shaw, D. (1998). The development of coercive family processes: The interaction between aversive toddler behavior and parenting factors. In J. McCord,

Coercion and punishment in long-term perspectives (pp. 165-180). Cambridge: Cambridge University Press.

Leiferman, J. A., Ollendick, T. H., Kunkel, D., & Christie, I. C. (2005). Mothers' mental distress and parenting practices with infants and toddlers. *Archives of Women's Mental Health, 8* , 243–247. doi: 10.1007/s00737-005-0098-4

Machado, C., Gonçalves, M. M., & Matos, M. (2008). *Manual da Escala de Crenças sobre Punição Física (E.C.P.F) e do Inventário de Práticas Educativas Parentais (I.P.E)* (2ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Maldonado, M. T. (1997). *Comunicação entre pais e filhos: A linguagem do sentir* (21ª ed.). São Paulo: Saraiva.

Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS.* Lisboa: Edições Sílabo.

Mireault, G., Rooney, S., Kouwenhoven, K., & Hannan, C. (2008). Opposition behabior and anxiety in boys and girls: A cross-sectional study in two community samples. *Child Psychiatry Hum Dev, 39* , 519-527. doi: 10.1007/s10578-008-0106-9

Montandon, C. (Maio-Agosto de 2005). As Práticas Educativas Parentais e a Experiência das Crianças. *Educ. Soc., 91 (26)* , 485-507.

Murphy-Cowan, T., & Stringer, M. (1999). Physical punishment and the parenting cycle: A survey of northern irish parents. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 9* , 61-71.

Nelms, B. C. (2005). Discipline: Parents need our help. *Journal of Pediatric Health Care, 19* , 195-196.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *O Mundo da Criança: Da infância à adolescência.* São Paulo: McGraw-Hill.

Patterson, G. R., DeGarmo, D. S., & Knutson, N. (2000). Hyperactive and antisocial behaviors: Comorbid or two points in the same process? *Development and Psychopathology, 12* , 91-106.

Pereira, A. (2008). *SPSS: Guia prático de utilização. Análise de dados para ciências sociais e psicologia* (7ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., Alvarenga, P., Lopes, R. S., & Tudge, J. (Outubro-Dezembro de 2007). Práticas Educativas de Pais e Mães de Crianças aos 18 Meses de Idade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23 (4)* , 369-378.

Pinheiro, D. P. (2003). *Estilo parental: Uma análise qualitativa.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Pinto, R. R. (2009). *Introdução à análise de dados com recurso ao SPSS* (7ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Queirós, O., Goldschmidt, T., Almeida, S., & Gonçalves, M. J. (2003). O outro lado das birras: Alterações de comportamento na 1.ª infância. *Análise Psicológica, 1 (21)* , 95-102.

Ramalho, V. (2002). *Lá em casa mandam eles?* Braga: Psiquilíbrios.

Regalado, M., Sareen, H., Inkelas, M., Wissow, L. S., & Halfon, N. (Junho de 2004). Parents' Discipline of Young Children: Results From the National Survey of Early Childhood Health. *Pediatrics, 113 (6)* , 1952-1958.

Reinberger, S. (Outubro/Novembro de 2008). Tempering tantrums. *Scientific American Mind*, 72-77.

Reis, E. (1999). *Estatística aplicada.* Lisboa: Edições Sílabo.

Reis, E. (2000). *Estatística descritiva.* Lisboa: Edições Sílabo.

Roopnarine, J. L., Fouts, H. N., Lamb, M. E., & Lewis-Elligan, T. Y. (2005). Mothers' and fathers' behaviors toward their 3- to 4-month-old infants in lower, middle, and upper socioeconomic African American families. *Developmental Psychology, 41 (5)* , 723-732.

Sabbag, G. M. (2003). *Validação externa do Inventário de Estilos Parentais: Um estudo de caso em duas famílias de risco.* Monografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Salvador, A. P., & Weber, L. N. (2005). Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia, 9 (2)* , 341-353.

Salvo, C. G. (2003). *Validação externa do Inventário de Estilos Parentais: Estudo de caso com famílias pró-sociais.* Monografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Salvo, C. G., Silvares, E. F., & Toni, P. M. (Abril-Junho de 2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia, 22 (2)* , 187-195.

Sampaio, I. T. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano, 17 (2)* , 144-152.

Sanapo, M. S., & Nakamura, Y. (2011). Gender and physical punishment: The filipino children's experience. *Child Abuse Review, 20* , 39–56. doi: 10.1002/car.1148

Stormshak, E. A., Bierman, K. L., McMahon, R. J., & Lengua, L. J. (2000). Parenting pratices and child disruptive behavior problems in early elementary school. *Journal of Clinical Child Psychology, 1 (29)* , 17-29.

Tiba, I. (1996). *Disciplina, limite na medida certa.* São Paulo: Editora Gente.

Verhoeven, M., Junger, M., Aken, C. v., Deković, M., & Aken, M. A. (2010). Parenting and children's externalizing behavior: Bidirectionality during toddlerhood. *Journal of Applied Developmental Psychology, 31* , 93–105. doi: 10.1016/j.appdev.2009.09.002

Weber, L. N., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de Estilos Parentais:O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17 (3)* , 323-331.

Weber, L. N., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia, 9 (2)* , 227-237.

Webster-Stratton, C., & Hammond, M. (1999). Marital conflict management skills, parenting style and early-onset conduct problems: Processes and pathways. *Journal Child Psychol Psychiatry, 40 (6)* , 917-927.

Woodward, L. J., & Fergusson, D. M. (2002). Parent, child, and contextual predictors of childhood physical punishment. *Infant and Child Development, 11* , 213–235. doi: 10.1002/icd.252

7. Referências Bibliográficas Electrónicas

Domitrovich, C. E., & Greenberg, M. T. (2010). Intervenções preventivas que reduzem a agressividade em crianças pequenas. In R. E. Tremblay, R. G. Barr, R. V. Peters, & M. Boivin, *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância* (pp. 1-8). Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Obtido em http://www.enciclopedia-crianca.com/documents/Domitrovitch-GreenbergPRTxp.pdf.

ANEXOS

ANEXO A

Este questionário enquadra-se na Dissertação inserida no Mestrado Psicologia Clínica, Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga, sobre "**As Práticas Educativas Parentais e as Birras das Crianças**".

Este estudo tem como objectivos principais identificar a prevalência das birras e as práticas educativas mais utilizadas pelos pais.

Neste questionário não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendo saber a sua opinião. Por isso, procure **responder com rigor a todas as questões**.

O preenchimento deste questionário é **voluntário**, **anónimo** e **confidencial**, pelo que não deve escrever o seu nome em nenhuma folha.

Obrigada pela sua colaboração!

Ana Duarte

1. Questionário Sociodemográfico

1. Idade da mãe: _____ 2. Habilitações literárias da mãe: _____

3. Profissão da mãe: _____

4. Idade do pai: _____ 5. Habilitações literárias do pai: _____

6. Profissão do pai: _____

7. Estado Civil dos pais:

(_) Solteiros

(_) Casados / União de Facto

(_) Divorciados / Separados

(_) Viúvo (a)

8. Quantos filhos tem?

(_) Um

(_) Dois

(_) Três

(_) Quatro ou mais

9. Preencha os quadros abaixo com a idade do(s) seu(s) filho(s) e com o mês e ano em que nasceu(eram):

Idade	Sexo	Mês e Ano

Idade	Sexo	Mês e Ano

Idade	Sexo	Mês e Ano

Idade	Sexo	Mês e Ano

10. Actualmente, vive com o(s) seu(s) filho(s)?

(_) Sim

(_) Não

11. Estes instrumentos de recolha de dados foram preenchidos por:

(_) Mãe

(_) Pai

(_) Ambos os pais

ANEXO B

2. Questionário da Caracterização dos Filhos

Todas as crianças fazem birras, sejam elas mais ou menos ruidosas. As birras manifestam-se quando as crianças são obrigadas a obedecer a determinados hábitos ou quando não conseguem fazer alguma coisa, tal como, encaixar as peças de um brinquedo.

Os comportamentos de birra podem assumir diferentes formas: a criança pode **pedir** insistentemente alguma coisa ao adulto ("Eu quero, eu quero, eu quero"), pode **chorar** sem parar ou pode **gritar** com todos à sua volta (Ramos & Posternak, 2004).

Instruções: Relativamente a cada uma das questões apresentadas solicitamos que assinale com um **X**, a resposta que considera mais correcta, na coluna que corresponde à(s) idade(s) do(s) seu(s) filho(s).

Apenas deve considerar os filhos que tenham entre 2 e 6 anos, começando por colocar a(s) idade(s) nos **rectângulos destacados** (1ªlinha).

	Idade(s) do(s) seu(s) filho(s)		
1. O seu filho faz birras?			
Sim (pedir insistentemente, gritar ou chorar)			
Não			
2. Qual a frequência das birras do seu filho?			
1 vez por dia			
2 vezes por dia			
3 vezes por dia			
4 vezes por dia			
5 vezes ou mais por dia			
3. Quando é que o seu filho começou a fazer birras?			
Há uma semana			
Há um mês			
Nos últimos meses			
No último ano			
4. As birras acontecem normalmente em que contexto? Enumere por ordem crescente de 1 a 5, considerando que o 1 corresponde ao contexto em que as birras acontecem com maior frequência e o 5 corresponde ao contexto em que as birras acontecem com menor frequência.			
Em casa dos pais			
Em casa dos avós			
Em casa de outros familiares			
Na escola			
Noutro contexto. Qual?_____			
5. Da lista a seguir apresentada, assinale os três comportamentos que normalmente tende a utilizar quando o seu filho faz uma birra:			
Cede às exigências			
Deixa o seu filho continuar a fazer a birra, ignorando-o			
Impõe regras e limites			
Utiliza a explicação			
Utiliza a negociação			
Grita			
Utiliza a punição física			
Estabelece um castigo			
Ameaça retirar alguns privilégios (ex: brinquedos)			
Utiliza o *time-out* (o *time-out* consiste em fazer parar a actividade do seu filho colocando-o sozinho num lugar calmo, durante algum tempo)			
6. Acha que as birras do seu filho interferem no/a: (pode assinar mais do que uma resposta)			
Relacionamento entre pais e filho			
Relação conjugal			
Relacionamento com o(s) irmão(s)			
Relacionamento dos pais com o(s) outro(s) filho(s)			
Relação que a família tem com a sociedade (por ex.: deixar de frequentar um local devido às birras que o seu filho faz).			

ANEXO C

3. Inventário de Práticas Educativas (I.P.E)

C. Machado, M. Gonçalves & M. Matos, 2000; Universidade do Minho

Instruções:

Vai encontrar de seguida perguntas sobre diferentes formas de os pais educarem os seus filhos. Pede-se que as leia atentamente e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e não como acha que deveria ser.

Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

A. Vai encontrar de seguida uma lista de diferentes formas de educar as crianças. Preencha-a, assinalando com um **X** apenas uma das alternativas. Ao preencher esta lista tenha em consideração **o último ano**.

	Nunca usei	Usei uma única vez	Usei menos do que uma vez por mês	Usei mais do que uma vez por mês
1. Dar conselhos.				
2. A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater (ou vice-versa).				
3. Bater no rabo com a mão.				
4. Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas.				
5. Puxar as orelhas.				
6. Dar um murro ou pontapé.				
7. Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta.				
8. Fechar num quarto à chave.				
9. Fechar num quarto escuro.				
10. Dar palmadas na mão, braço ou perna.				
11. Elogiar a criança quando se porta bem.				
12. Dar várias bofetadas.				
13. Abanar ou sacudir com força (crianças com menos de 2 anos de idade)				
14. Abanar ou sacudir com força (crianças com mais de 2 anos de idade)				
15. Bater no rabo com um objecto duro (p.ex., colher de pau, escova do cabelo).				
16. Dar uma sova com a mão.				
17. Explicar à criança o que fez mal.				
18. Bater com cinto.				
19. Bater com outros objectos (não mencionados atrás). Especificar_____				
20. Atirar objectos.				
21. Insultar.				
22. Ameaçar a criança de que se lhe vai bater.				
23. Dizer à criança que nunca deveria ter nascido.				
24. Dizer "se te portares mal não gosto de ti".				
25. Dizer que não se gosta da criança.				
26. Dar "sermões".				
27. Bater na criança deixando marcas (especifique as marcas _____).				
28. Bater na criança deixando ferimentos (especifique _____ _____).				
29. Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta (p.ex., não a deixar ver televisão).				
30. Outros: (especificar_____)				

B. Em relação a cada uma das formas de educar abaixo indicadas assinale com um **X** se as considera **adequadas** ou **inadequadas**.

	Adequado	Inadequado
1. Dar conselhos.		
2. A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater (ou vice-versa).		
3. Bater no rabo com a mão.		
4. Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas.		
5. Puxar as orelhas.		
6. Dar um murro ou pontapé.		
7. Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta.		
8. Fechar num quarto à chave.		
9. Fechar num quarto escuro.		
10. Dar palmadas na mão, braço ou perna.		
11. Elogiar a criança quando se porta bem.		
12. Dar várias bofetadas.		
13. Abanar ou sacudir com força (crianças com menos de 2 anos de idade).		
14. Abanar ou sacudir com força (crianças com mais de 2 anos de idade).		
15. Bater no rabo com um objecto duro (p.ex., colher de pau, escova do cabelo).		
16. Dar uma sova com a mão.		
17. Explicar à criança o que fez mal.		
18. Bater com cinto.		
19. Bater com outros objectos (não mencionados atrás). Especificar_____ _____		
20. Atirar objectos.		
21. Insultar.		
22. Ameaçar a criança de que se lhe vai bater.		
23. Dizer à criança que nunca deveria ter nascido.		
24. Dizer "se te portares mal não gosto de ti".		
25. Dizer que não se gosta da criança.		
26. Dar "sermões".		
27. Bater na criança deixando marcas (especifique as marcas _____).		
28. Bater na criança deixando ferimentos (especificar_____).		
29. Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta (p.ex., não a deixar ver televisão).		

- FIM -

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO D

No presente anexo apresentam-se as respostas à questão "As birras acontecem normalmente em que contexto?": em casa dos pais, em casa dos avós, em casa de outros familiares, na escola e em outros contextos, nomeadamente, em espaços públicos.

Relativamente, à ocorrência das birras em casa dos pais, verificamos que a amostra respondeu que as birras ocorrem "sempre", sendo que 54,4% foram as mães, 61,5% os pais e 64% ambos os pais. De seguida, 14,7% das mães e 15,4% dos pais afirmaram que as birras tendem a ocorrer neste contexto. De referir, ainda, que 22% da amostra optou por não escolher este contexto.

No que diz respeito ao contexto "em casa dos avós", as mães referem que 27,9% das birras são "muito frequentes". Os pais, por seu turno, encontram-se divididos, pois 23,1% respondeu que as birras são "muito frequentes", "frequentes" ou ocorrem "sempre". O mesmo acontece a ambos os pais, pois 24% afirmaram que as birras tendem a ser "muito frequentes" ou "frequentes".

A amostra referiu que "em casa de outros familiares", os seus filhos raramente têm um comportamento de birra, correspondendo as respostas a 22,1% das mães, 38,5% dos pais e 16% de ambos os pais. A grande maioria dos inquiridos absteve-se em responder a este contexto.

No que diz respeito ao contexto "escola", também verificamos que na opinião das mães (22,1%) e de ambos os pais (24%), os seus filhos fazem birras raramente. A mesma opinião não é partilhada pelos pais. Estes demonstram uma opinião mais dividida, em que 23,1% responde que as birras são "raras" e "muito frequentes". De referir que 33,7% das mães, 23,1% dos pais e 32% de ambos os pais não responderam a este item. Devemos realçar que as respostas a este contexto podem estar enviesadas, pois ao recolhermos os questionários junto das Educadoras de Infância, concluímos que alguns pais tinham respondido a este contexto como se os filhos fizessem birras frequentemente. Porém, isto na realidade não se verifica no contexto em causa.

Por último, através da opção de resposta aberta "outro contexto" constatamos que as birras ocorriam "em espaços públicos", nomeadamente, hipermercados, lojas e/ou cafés.

Contrariamente ao que era esperado, somente 16,2% das mães e 4% de ambos os pais responderam que os seus filhos fazem birras "sempre" nestes locais. No entanto, a maior parte da amostra não preencheu este item.

Concluímos através da análise às opções "sempre" que as birras ocorrem com maior frequência em casa dos pais. Seguidamente, tendem a ocorrer em casa dos avós, em espaços públicos, na escola e, por último, em casa de outros familiares.

Quadro D – Contextos das birras das crianças

PREENCHIMENTO / CONTEXTOS DAS BIRRAS	MÃE		PAI		AMBOS OS PAIS	
	n	%	n	%	n	%
Em Casa dos Pais						
Nunca	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Raras	3	4,4	0	0,0	1	4,0
Frequentes	5	7,4	1	7,7	2	8,0
Muito Frequentes	10	14,7	2	15,4	1	4,0
Sempre	37	54,4	8	61,5	16	64,0
Não respondeu	7	10,3	1	7,7	1	4,0
Em Casa dos Avós						
Nunca	1	1,5	1	7,7	1	4,0
Raras	2	2,9	0	0,0	0	0,0
Frequentes	17	25,0	3	23,1	6	24,0
Muito Frequentes	19	27,9	3	23,1	6	24,0
Sempre	9	13,2	3	23,1	1	4,0
Não respondeu	14	20,7	2	15,3	7	28,0
Em Casa de Outros Familiares						
Nunca	6	8,8	0	0,0	1	4,0
Raras	15	22,1	5	38,5	4	16,0
Frequentes	11	16,2	2	15,4	3	12,0
Muito Frequentes	9	13,2	1	7,7	4	16,0
Sempre	0	0,0	0	0,0	1	4,0
Não respondeu	21	30,9	4	30,7	8	32,0
Na Escola						
Nunca	11	16,2	1	7,7	3	12,0
Raras	15	22,1	3	23,1	6	24,0
Frequentes	8	11,8	1	7,7	2	8,0
Muito Frequentes	4	5,9	3	23,1	2	8,0
Sempre	1	1,5	1	7,7	0	0,0
Não respondeu	23	33,7	3	23,1	8	32,0
Em Espaços Públicos						
Nunca	5	7,4	5	38,5	5	20,0
Raras	3	4,4	0	0,0	2	8,0
Frequentes	4	5,9	2	15,4	0	0,0
Muito Frequentes	8	11,8	0	0,0	1	4,0
Sempre	11	16,2	0	0,0	1	4,0
Não respondeu	31	45,5	5	38,5	12	48,0
TOTAL	**62**	**91,2**	**12**	**92,3**	**21**	**84,0**

ANEXO E

O Anexo E apresenta as respostas dos pais à questão "Acha que as birras do seu filho interferem no/a:", sendo as possibilidades de resposta "Relacionamento entre pais e filhos, Relação conjugal, Relacionamento com o(s) irmão(s), Relacionamento dos pais com o(s) outro(s) filho(s) e Relação que a família tem com sociedade (ex: deixar de frequentar um local devido às birras que o seu filho faz)".

Quadro E – Impacto das birras das crianças

PREENCHIMENTO / IMPACTO DAS BIRRAS	MÃE		PAI		AMBOS OS PAIS	
	n	%	n	%	n	%
Relacionamento entre Pais e Filhos						
Sim	26	38,2	5	38,5	5	20,0
Não	23	33,8	4	30,8	10	40,0
Não respondeu	13	19,2	3	23,0	6	24,0
Relação Conjugal						
Sim	11	16,2	4	30,8	7	28,0
Não	38	55,9	5	38,5	8	32,0
Não respondeu	13	19,2	3	23,0	6	24,0
Relacionamento com o(s) Irmão(s)						
Sim	14	20,6	3	23,1	5	20,0
Não	35	51,5	6	46,2	10	40,0
Não respondeu	13	19,2	3	23,0	6	24,0
Relacionamento dos Pais com o(s) Outro(s) Irmão(s)						
Sim	7	10,3	0	0,0	1	4,0
Não	42	61,8	9	69,2	14	56,0
Não respondeu	13	19,2	3	23,0	6	24,0
Relação com a Sociedade						
Sim	14	20,6	2	15,4	1	4,0
Não	35	51,5	7	53,8	14	56,0
Não respondeu	13	19,2	3	23,0	6	24,0
TOTAL	**62**	**91,2**	**12**	**92,3**	**21**	**84,0**

No Quadro E, mostramos que os inquiridos estão divididos quanto ao facto de as birras dos seus filhos interferirem no relacionamento que mantém com eles. Sendo assim, 38,2% das mães e 38,5% dos pais acha que as birras interferem, 40% de ambos os pais pensa que não interferem, enquanto 19,2% das mães, 23% dos pais e 24% de ambos os pais não têm opinião formada.

Relativamente ao impacto das birras na relação conjugal, 55,9% das mães, 38,5% dos pais e 32% de ambos os pais acha que as birras não interferem na relação do casal. Por sua vez, no relacionamento com o(s) irmão(s), 51,5% das mães, 46,2% dos pais e 40% de ambos os pais mantém esta tendência e afirmam que as birras dos seus filhos não interferem. Quanto ao relacionamento dos pais com o(s) outro(s) irmão(s), 61,8% das mães, 69,2% dos pais e 56% de ambos os pais é da opinião que o relacionamento com os outros filhos não é afectado por causa das birras de outro. Concluímos, então, que a maioria dos inquiridos pensa que não há interferência nestes três tipos de relacionamento.

Por último, esta tendência mantém-se na relação que a família tem com a sociedade, como por exemplo, deixar de frequentar um espaço público devido às birras dos filhos. Assim, 51,5% das mães, 53,8% dos pais e 56% de ambos os pais responderam que as birras dos seus filhos não os impediam de manter uma boa relação social.

ANEXO F

O presente anexo indica as frequências de resposta dos pais para as seis subescalas de práticas educativas: Práticas educativas adequadas, Práticas inadequadas, Punição física, Maus tratos emocionais, Maus tratos físicos e Comportamentos potencialmente maltratantes. Segue-se a apresentação para cada subescala.

Práticas Educativas Adequadas e Inadequadas

Considerando que as práticas educativas são um dos aspectos importantes para moldar os comportamentos das crianças, questionámos os pais acerca das práticas educativas utilizadas.

Assim, relativamente às práticas educativas adequadas (Quadro Fa), podemos constatar que a prática educativa mais utilizada é "elogiar a criança quando se porta bem" (89,6%), seguida de "dar conselhos" e "explicar à criança o que fez mal" (84%).

Os inquiridos estão divididos quanto à prática educativa "castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta", uma vez que 32,1% da amostra respondeu que usou mais do que uma vez por mês, 29,2% usou menos do que uma vez por mês e 25,5% referiu nunca ter recorrido a castigos.

Podemos concluir, também, que as práticas adequadas menos utilizadas pelos pais são "mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta" (41,5%).

No que diz respeito às práticas inadequadas (Quadro Fb), as respostas dos inquiridos encontram-se mais divididas e sem grande intervalo entre as percentagens. Assim, 61,3% dos pais referiu nunca ter dito "se te portares mal não gosto de ti", seguido de 44,3% que afirmaram nunca terem ameaçado a criança que o outro progenitor lhe iria bater.

Por outro lado, as práticas educativas "ameaçar a criança de que se lhe vai bater" e "dar sermões" apresentam um maior consenso nas respostas dadas. Então, 31,1% dos pais afirmou que utilizou estas práticas "menos do que uma vez por mês".

Quadro Fa – Práticas educativas adequadas utilizadas pelos pais

PRÁTICAS EDUCATIVAS ADEQUADAS	n	%
Dar conselhos		
Nunca usei	4	3,8
Usei uma única vez	2	1,9
Usei menos do que uma vez por mês	7	6,6
Usei mais do que uma vez por mês	89	84,0
Não respondeu	4	3,8
Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta		
Nunca usei	44	41,5
Usei uma única vez	27	25,5
Usei menos do que uma vez por mês	17	16,0
Usei mais do que uma vez por mês	18	17,0
Elogiar a criança quando se porta bem		
Nunca usei	2	1,9
Usei uma única vez	3	2,8
Usei menos do que uma vez por mês	6	5,7
Usei mais do que uma vez por mês	95	89,6
Explicar à criança o que fez mal		
Nunca usei	4	3,8
Usei uma única vez	0	0,0
Usei menos do que uma vez por mês	13	12,3
Usei mais do que uma vez por mês	89	84,0
Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta		
Nunca usei	27	25,5
Usei uma única vez	12	11,3
Usei menos do que uma vez por mês	31	29,2
Usei mais do que uma vez por mês	34	32,1
Não respondeu	2	1,9
TOTAL	**106**	**100,0**

Quadro Fb - Práticas educativas inadequadas utilizadas pelos pais

PRÁTICAS EDUCATIVAS INADEQUADAS	n	%
A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater (ou vice-versa)		
Nunca usei	47	44,3
Usei uma única vez	24	22,6
Usei menos do que uma vez por mês	26	24,5
Usei mais do que uma vez por mês	4	3,8
Não respondeu	5	4,7
Ameaçar a criança de que se lhe vai bater		
Nunca usei	27	25,5
Usei uma única vez	17	16,0
Usei menos do que uma vez por mês	33	31,1
Usei mais do que uma vez por mês	27	25,5
Não respondeu	2	1,9
Dizer "se te portares mal não gosto de ti"		
Nunca usei	65	61,3
Usei uma única vez	24	22,6
Usei menos do que uma vez por mês	13	12,3
Usei mais do que uma vez por mês	4	3,8
Dar "sermões"		
Nunca usei	29	27,4
Usei uma única vez	16	15,1
Usei menos do que uma vez por mês	33	31,1
Usei mais do que uma vez por mês	26	24,5
Não respondeu	2	1,9
TOTAL	**106**	**100,0**

Punição Física e Comportamentos Potencialmente Maltratantes

Através do Quadro Fc, podemos constatar que o tipo de punição física que suscita uma maior dispersão de respostas é "bater no rabo com a mão", tendo 16% dos pais respondido que utilizam-na "mais do que uma vez por mês". Por outro lado, 50% da amostra usa esta prática educativa "menos do que uma vez por mês".

Relativamente aos outros tipos de punição física, os pais estão de acordo, tendo referido que nunca puxaram as orelhas (87,7%), deram palmadas na mão, braço ou perna (53,8%), abanaram ou sacudiram com força os seus filhos com mais de 2 anos de idade (95,3%) ou nunca bateram no rabo dos filhos com um objecto duro (94,3%).

Quanto aos comportamentos potencialmente maltratantes, podemos analisar através dos dados do Quadro Fd que os comportamentos "dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas", "dar várias bofetadas" e "dar uma sova com a mão" não são utilizados pelos pais como práticas educativas recorrentes.

Porém, o único comportamento que demonstra uma maior dispersão nas respostas dos pais é "dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas", pois apesar de 70,8% da amostra referir que nunca o usou, 17,9% afirmou ter usado uma única vez, 5,7% usou menos do que uma vez por mês e 4,7% usou mais do que uma vez por mês.

Quadro Fc – Tipos de punição física utilizados pelos pais

PUNIÇÃO FÍSICA	n	%
Bater no rabo com a mão		
Nunca usei	11	10,4
Usei uma única vez	20	18,9
Usei menos do que uma vez por mês	53	50,0
Usei mais do que uma vez por mês	17	16,0
Não respondeu	5	4,7
Puxar as orelhas		
Nunca usei	93	87,7
Usei uma única vez	7	6,6
Usei menos do que uma vez por mês	4	3,8
Usei mais do que uma vez por mês	2	1,9
Dar palmadas na mão, braço ou perna		
Nunca usei	57	53,8
Usei uma única vez	18	17,0
Usei menos do que uma vez por mês	22	20,8
Usei mais do que uma vez por mês	7	6,6
Não respondeu	2	1,9
Abanar ou sacudir com força (crianças com mais de 2 anos de idade)		
Nunca usei	101	95,3
Usei uma única vez	2	1,9
Usei menos do que uma vez por mês	2	1,9
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Não respondeu	1	0,9
Bater no rabo com um objecto duro		
Nunca usei	100	94,3
Usei uma única vez	6	5,7
Usei menos do que uma vez por mês	0	0,0
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
TOTAL	**106**	**100,0**

Quadro Fd – Comportamentos potencialmente maltratantes utilizados pelos pais

COMPORTAMENTOS POTENCIALMENTE MALTRATANTES	n	%
Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas		
Nunca usei	75	70,8
Usei uma única vez	19	17,9
Usei menos do que uma vez por mês	6	5,7
Usei mais do que uma vez por mês	5	4,7
Não respondeu	1	0,9
Dar várias bofetadas		
Nunca usei	89	84,0
Usei uma única vez	10	9,4
Usei menos do que uma vez por mês	5	4,7
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Não respondeu	2	1,9
Dar uma sova com a mão		
Nunca usei	94	88,7
Usei uma única vez	4	3,8
Usei menos do que uma vez por mês	8	7,5
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
TOTAL	**106**	**100,0**

Maus Tratos Emocionais e Físicos

De uma forma geral, verificamos através do Quadro Fe que os inquiridos estão de acordo relativamente aos maus tratos emocionais, não mostrando indícios de abuso emocional, pois referiram que nunca fecharam os seus filhos num quarto à chave (95,3%) ou num quarto escuro (96,2%) e não disseram à criança que nunca deveria ter nascido (99,1%).

Quanto aos mau trato "insultar" ou "dizer que não se gosta da criança", grande parte da amostra respondeu que nunca usou esta prática educativa. Porém, 4,7% afirmaram ter insultado os seus filhos e 3,8% disse aos seus filhos que não gostava deles.

Os dados do Quadro Ff demonstram-nos que a amostra não apresenta indícios de maus tratos físicos como prática educativa. Assim, os pais referem que nunca deram um murro ou pontapé aos seus filhos (99,1%), abanaram ou sacudiram os seus filhos com menos de 2 anos de idade (95,3%), bateram com o cinto (99,1%) ou com outros objectos (95,3%), atiraram objectos (98,1%) e nunca bateram deixando marcas como nódoas negras (95,3%) ou deixando ferimentos (98,1%).

Quadro Fe – Maus tratos emocionais

MAUS TRATOS EMOCIONAIS	n	%
Fechar num quarto à chave		
Nunca usei	101	95,3
Usei uma única vez	3	2,8
Usei menos do que uma vez por mês	2	1,9
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Fechar num quarto escuro		
Nunca usei	102	96,2
Usei uma única vez	3	2,8
Usei menos do que uma vez por mês	1	0,9
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Insultar		
Nunca usei	98	92,5
Usei uma única vez	5	4,7
Usei menos do que uma vez por mês	2	1,9
Usei mais do que uma vez por mês	1	0,9
Dizer à criança que nunca deveria ter nascido		
Nunca usei	105	99,1
Usei uma única vez	1	0,9
Usei menos do que uma vez por mês	0	0,0
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Dizer que não se gosta da criança		
Nunca usei	98	92,5
Usei uma única vez	4	3,8
Usei menos do que uma vez por mês	3	2,8
Usei mais do que uma vez por mês	1	0,9
TOTAL	**106**	**100,0**

Quadro Ff– Maus tratos físicos

MAUS TRATOS FÍSICOS	n	%
Dar um murro ou pontapé		
Nunca usei	105	99,1
Usei uma única vez	1	0,9
Usei menos do que uma vez por mês	0	0,0
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Abanar ou sacudir com força (crianças com menos de 2 anos de idade)		
Nunca usei	101	95,3
Usei uma única vez	1	0,9
Usei menos do que uma vez por mês	1	0,9
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Bater com cinto		
Nunca usei	105	99,1
Usei uma única vez	0	0,0
Usei menos do que uma vez por mês	0	0,0
Usei mais do que uma vez por mês	1	0,9
Bater com outros objectos		
Nunca usei	101	95,3
Usei uma única vez	0	0,0
Usei menos do que uma vez por mês	2	1,9
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Não respondeu	3	2,8
Atirar objectos		
Nunca usei	104	98,1
Usei uma única vez	2	1,9
Usei menos do que uma vez por mês	0	0,0
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Bater na criança deixando marcas		
Nunca usei	101	95,3
Usei uma única vez	3	2,8
Usei menos do que uma vez por mês	0	0,0
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Não respondeu	2	1,9
Bater na criança deixando ferimentos		
Nunca usei	104	98,1
Usei uma única vez	0	0,0
Usei menos do que uma vez por mês	0	0,0
Usei mais do que uma vez por mês	0	0,0
Não respondeu	2	1,9
TOTAL	**106**	**100,0**